



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS A.C. SIMÕES  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE ALAGOAS

PEDRO HENRIQUE BARROS PACHECO

**DIVERSIDADE TAXONÔMICA DE RÉPTEIS EM UMA PAISAGEM EM  
MOSAICO, NA SERRA DA SAUDINHA, MACEIÓ, ALAGOAS**

MACEIÓ, AL

2024

PEDRO HENRIQUE BARROS PACHECO

**DIVERSIDADE TAXONÔMICA DE RÉPTEIS EM UMA PAISAGEM EM  
MOSAICO, NA SERRA DA SAUDINHA, MACEIÓ, ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau em Ciências Biológicas Bacharelado.

Área de Concentração: Ecologia.

Orientadora: Selma Torquato da Silva

MACEIÓ, AL

2024

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

P116d Pacheco, Pedro Henrique Barros.  
Diversidade taxonômica de répteis em uma paisagem em mosaico, na serra da Saudinha, Maceió, Alagoas / Pedro Henrique Barros Pacheco. – 2024.  
73 f. : il.

Orientadora: Selma Torquato da Silva.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas) –  
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde.  
Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 57-70.  
Anexos: f. 71-73.

1. -Testudines. 2. Crocodylia. 3. Squamata. 4. Diversidade taxonômica,  
5. Intensificação do uso do solo. I. Título.

CDU: 598



## AGRADECIMENTOS

*Queria agradecer aos meus pais, por terem me colocado no mundo e investido na minha educação, me incentivado sempre a seguir meu coração: minha mãe em especial por se dedicar e torcer por mim desde o princípio e meu pai por ter desde cedo me inspirado a ser curioso pelo mundo. Ao meu irmão pelo abuso constante todos os dias, “cadê o TCC?”. Aos meus avós, por todo o amor e incentivo. E a minha carinhosa tia Manuela, que me inspira muito.*

*À minha namorada, Natália, pessoa que amo de forma imensurável. Obrigado por todo o incentivo e por ter mostrado que a vida é mais leve quando se aprecia o caminho até o objetivo, e, principalmente, por estar ao meu lado nesse mesmo caminho, deixando tudo muito melhor! O mundo já é seu, você só não percebeu ainda.*

*À Selma, minha orientadora, que ao apresentar os caminhos da herpetologia, me ensinou a pensar como biólogo e ter a paciência para os muitos processos dentro ciência. Obrigado por todas as oportunidades e ter confiado em mim desde o início desta jornada, enquanto eu caía de paraquedas no Setor de Herpetologia.*

*Aos meus amigos Guilherme, Lucas, Renato, Gustavo, prof. João Pantaleão e profa. Thaís, que embarcaram em diversas aventuras ao meu lado. Vocês sempre me inspiraram e são grandes seres humanos! Também aos meus colegas de laboratório por toda a dedicação e esforço em nossas vivências. Ao Genilson, Gustavo, Alberico e Erivaldo, que renderam as melhores conversas durante as longas tardes sem visitantes na exposição do Museu.*

*Ao curso de ciências biológicas da Universidade Federal de Alagoas, e à própria universidade que disponibilizou os veículos que tornaram este estudo possível. Agradecer também os motoristas que nos levaram aonde ninguém mais levaria, fosse sobre o sol cruel ou chuvas devastadoras, por entre estradas precárias e enlameadas. Agradecer especialmente ao seu Ediel, Luiz e Agenor.*

*Por fim, agradecer ao Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas, onde estagiei desde 2019 e vivi muitas experiências que contribuíram imensamente para o meu crescimento e me ensinaram a ter garra para perseguir meus sonhos.*

## RESUMO

A Mata Atlântica possui uma ampla biodiversidade e alto índice de endemismo devido à diversidade de topografias e fitofisionomias. A porção nordeste da Mata Atlântica é referida como Centro de Endemismo Pernambuco (CEP), por ser uma região com índices de endemismo elevados. Esta diversidade e endemismo estão agrupadas em pequenos fragmentos, devido ao histórico de interações humanas, tornando toda a extensão originária do CEP em uma área agrícola com poucos remanescentes inseridos em matrizes de monocultura de algumas espécies de plantas, em especial o Eucalipto. A silvicultura de eucalipto tem potencial de alterar a biodiversidade, funcionando como um filtro para a composição de espécies e distribuição das abundâncias. Neste estudo foi avaliada a diversidade taxonômica da fauna de répteis não avianos da Fazenda Riachão, na Serra da Saudinha, Maceió, AL e realizada uma análise de similaridade entre três habitats desta área: o interior da mata, a borda da mata e plantações de Eucalipto. A diversidade da área de estudo também foi comparada a de outras localidades do CEP. Foi testada a hipótese de haver maior diversidade taxonômica nas áreas nativas devido à maior participação de espécies de floresta. A riqueza encontrada da taxocenose de répteis, incluindo as espécies obtidas anteriormente na localidade deste estudo, foi próxima à estimativa obtida pelo índice de Jackknife de primeira ordem. Os ambientes demonstraram diferenças importantes na composição de espécies à medida que houve o aumento da heterogeneidade estrutural. A borda apresentou maior valor de diversidade, supostamente por ser um ambiente onde espécies de floresta e áreas abertas coexistem. A mata teve a maior ocorrência de espécies exclusivas, com dominância de *Coleodactylus meridionalis*, espécie predominante em ambientes de alta umidade e baixa incidência solar. O ambiente de silvicultura de Eucalipto teve os menores valores de diversidade. Estes resultados indicam a importância da preservação da fitofisionomia original da Mata Atlântica, demonstrando que o ambiente estabelecido pela monocultura de eucalipto funcionou como um filtro, que favoreceu a ocorrência de poucas espécies. Quando comparada a outros remanescentes do CEP, a Serra da Saudinha apresentou riqueza inferior e a composição de espécies se assemelhou com a da ESEC e APA de Murici e a Rebio Pedra Talhada, que se agruparam no dendograma de similaridade, assim como os remanescentes da APA do Catolé e a REBIO Guaribas, indicando o quanto às características geográficas influenciam a composição das taxocenoses de répteis nesses fragmentos. Entretanto, além de possuírem características geográficas semelhantes, também sofrem pressão antrópica devido à proximidade de áreas urbanas e facilidade de acesso.

**Palavras-chave:** Testudines, Crocodylia, Squamata, diversidade taxonômica, homogeneização, intensificação do uso do solo.

## ABSTRACT

The Atlantic Forest has extensive biodiversity and a high rate of endemism due to the diversity of topographies and phytophysiognomies. The northeastern portion of the Atlantic Forest is referred to as the Pernambuco Endemism Center (PEC) due to its high levels of endemism. This diversity and endemism are concentrated in small fragments due to a history of human interactions, transforming much of the original PEC area into agricultural land with few remaining patches within monoculture matrices of certain plant species, particularly Eucalyptus. Eucalyptus forestry has the potential to alter biodiversity, acting as a filter for species composition and abundance distribution. This study evaluated the taxonomic diversity of non-avian reptile fauna in Fazenda Riachão, Serra da Saudinha, Maceió, AL, and performed a similarity analysis among three habitats in this area: forest interior, forest edge, and Eucalyptus plantations. The diversity of the study area was also compared to other PEC localities. We tested the hypothesis that native areas would exhibit higher taxonomic diversity due to a greater presence of forest species. The richness of the reptile taxocenosis, including species previously recorded at this study location, was close to the estimate obtained by the first-order Jackknife index. The environments showed significant differences in species composition as structural heterogeneity increased. The edge had the highest diversity, likely because it is an area where forest and open-area species coexist. The forest had the highest occurrence of exclusive species, dominated by *Coleodactylus meridionalis*, a species common in high-humidity, low-sunlight environments. The Eucalyptus forestry environment had the lowest diversity values. These results highlight the importance of preserving the Atlantic Forest's original phytophysiognomy, showing that the monoculture environment established by Eucalyptus functioned as a filter, favoring only a few species. Compared to other PEC remnants, Serra da Saudinha exhibited lower richness, and its species composition was similar to that of ESEC and APA of Murici and REBIO Pedra Talhada, which clustered together in the similarity dendrogram, as did the remnants of APA do Catolé and REBIO Guaribas, indicating the influence of geographic characteristics on reptile taxocenosis composition in these fragments. However, in addition to having similar geographic characteristics, these areas also experience anthropogenic pressure due to their proximity to urban areas and ease of access.

**Keywords:** Testudines, Crocodylia, Squamata, taxonomic diversity, homogenization, land use intensification.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Localização da área de estudo, Fazenda Riachão (SELA), no estado de Alagoas, Nordeste do Brasil. Cada marca de localização corresponde a um ponto de amostragem, distribuídos dois por ambiente: Eucalipto (E 1 e 2), Borda da Mata (B 1 e 2) e Interior da Mata (M1 E M2).....	21
<b>Figura 2</b> - Estações de pitfall-traps. Estação de pitfall-trap, com ênfase no balde central (A). Estação de pitfall-trap no ambiente de Eucalipto (B), no ambiente de Borda (C) e no ambiente de Mata (D)...	22
<b>Figura 3</b> - Curva de rarefação de riqueza e valor de riqueza dado pelo estimador Jackknife de primeira ordem, para os Répteis da Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha, Maceió, Alagoas, 2021 e 2022.....	27
<b>Figura 4</b> - Similaridade entre as composições das taxocenoses de répteis nos ambientes da Borda da Mata, Interior da Mata e Plantação de eucalipto, na Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha, Maceió, Alagoas, 2021 e 2022.....	29
<b>Figura 5</b> - Dendrograma de similaridade das taxocenoses de répteis dos remanescentes de Mata Atlântica no CEP.....	32
<b>Figura 6</b> - Répteis da Fazenda Riachão, Maceió, AL. <i>Oxyrhopus guibei</i> (A) <i>Siphlophis compressus</i> (B), <i>Adelphostigma occipitalis</i> (C), <i>Thamnodynastes pallidus</i> (D), <i>Tantilla melanocephala</i> (E), <i>Phrynops geoffroanus</i> (F).....	73
<b>Figura 7</b> - Serpentes da Fazenda Riachão, Maceió, AL. <i>Amerotyphlops brongersmianus</i> (A), <i>Dendrophidion atlântica</i> (B), <i>Chironius flavolineatus</i> (C), <i>Boa atlantica</i> (D), <i>Erythrolamprus reginae</i> (E), <i>Erythrolamprus taeniogaster</i> (F), <i>Leptodeira annulata</i> (G) e <i>Micrurus ibiboboca</i> (H).....	74
<b>Figura 8</b> - Lagartos da Fazenda Riachão, Maceió, AL. <i>Coleodactylus meridionalis</i> (A), <i>Dactyloa punctata</i> (B), <i>Copeoglossum nigropunctatum</i> (C), <i>Kentropyx calcarata</i> (D), <i>Gymnodactylus darwinii</i> (E), <i>Norops fuscoauratus</i> (F), <i>Enyalius aff. catenatus</i> (G), <i>Norops ortonii</i> (H), <i>Dryadosaura nordestina</i> (I) e <i>Phyllopezus lutzae</i> (J).....	75

## LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** - Tabela sistemática com as espécies répteis e suas abundâncias relativas, para a área geral e para todos os ambientes da Fazenda Riachão, Maceió, AL. *Adelphostigma occipitalis*\* foi capturada fora da área de estudo.....26
- Tabela 2** - Valores de riqueza, abundância, diversidade e equitabilidade para cada ambiente da área.27
- Tabela 3** - Valor do teste T e de p dos répteis em ambientes de Mata, Borda e Eucalipto ao longo dos meses de captura, na Fazenda Riachão, Maceió, AL.....29
- Tabela 4** - Taxocenose de répteis das remanescentes do CEP.....29
- Tabela 5** - Espécies de répteis que ocorrem nos fragmentos (ESEC de Murici, Rebio Pedra Talhada, Rebio Guaribas, Parque Estadual Dois Irmão) e suas ocorrências para cada localidade.....30

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 OBJETIVOS</b>	<b>12</b>
2.1- Objetivo Geral	13
2.2- Objetivos Específicos	13
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>13</b>
3.1 - A Mata Atlântica	13
3.2 - O Centro de Endemismo Pernambuco	17
3.3 - Répteis	18
3.4 - Silvicultura	18
<b>4 MATERIAIS E MÉTODOS</b>	<b>19</b>
4.1- Área de estudo	19
4.2- Coleta de dados	22
4.2.1 - Armadilhas de queda: pitfall traps	22
4.2.2 - Busca ativa	23
4.2.3 - Armadilha de captura aquática	23
4.3 - Análise de dados	23
4.3.1 - Índices	24
4.4 - Análise de Similaridade entre os fragmentos de Mata Atlântica	25
4.5 - História natural e conservação	25
<b>5 RESULTADOS</b>	<b>25</b>
5. 1 Composição, riqueza e abundância	25
5. 2 Lista comentada dos répteis da Fazenda Riachão – Serra da Saudinha, Alagoas.	32
<b>6 DISCUSSÃO</b>	<b>53</b>
<b>7 CONCLUSÃO</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A expansão das áreas agropastoris, principalmente de monoculturas e criações extensivas, e áreas de mineração tem sido um desafio para os biólogos conservacionistas, visto que cada vez mais a biodiversidade é perdida devido à modificação das paisagens naturais (Wilson *et al.*, 2016).

Uma ecorregião é um espaço geográfico distinto que compartilha espécies, características ambientais e processos ecológicos similares (Dinnerstein, 1995). Historicamente, a Mata Atlântica é considerada a ecorregião mais explorada e habitada do país (Coimbra-Filho e Câmara, 1996; Marques *et al.*, 2021). No Brasil, esta ecorregião abriga uma ampla diversidade de fauna e flora, incluindo diversas espécies endêmicas que se encontram ameaçadas de extinção (Sobral-Souza e Lima-Ribeiro, 2017; SOS MATA ATLÂNTICA, 2020; Figueiredo *et al.*, 2021;).

Na porção situada ao norte do Rio São Francisco, os remanescentes de floresta apresentam grandes alterações na composição florística e estrutura, devido ao efeito de borda provocado, principalmente pelo tamanho reduzido dos próprios remanescentes (Ranta *et al.* 1998; Silva e Tabarelli *et al.*, 2000; Oliveira, *et al.*, 2004; Pinto *et al.*, 2006). Nesta área ocorrem numerosas espécies exclusivas de diferentes grupos de vertebrados, sendo por isso reconhecida como uma unidade biogeográfica, denominada Centro de Endemismo Pernambuco (CEP), que abrange remanescentes distribuídos desde o estado de Alagoas até o do Rio Grande do Norte (Silva e Casteleti, 2004; Tabarelli e Roda, 2005; França *et al.*, 2023). A paisagem atual do CEP é composta predominantemente de pequenos remanescentes isolados nestes estados (Silva; Tabarelli *et al.*, 2000).

O estado de Alagoas abriga os mais importantes remanescentes do CEP, pois apresentam grande diversidade biológica, apesar de comportarem apenas 9% da cobertura vegetal original (SOS MATA ATLÂNTICA, 2020). Além da alta riqueza de espécies, o endemismo também é notório (Moura, 2006; SOS MATA ATLÂNTICA, 2020; Dubeux *et al.*, 2022). Contudo, o fato de se tratar de um centro de endemismo representado majoritariamente por remanescentes pequenos e isolados, os quais podem sofrer diminuição da diversidade genética e do fluxo gênico entre populações (Tabarelli *et al.*, 2010; Oliveira e Solórzano, 2014), ratifica a importância da preservação desses remanescentes, principalmente considerando as diversas espécies com ocorrências exclusivas (Dubeux *et al.*, 2022).

Ao longo do tempo as populações humanas têm utilizado o solo provocando modificações na paisagem em nível global, estando entre as mais prevalentes a substituição das

formações vegetacionais nativas, como as florestas, por pastos e plantações (Oliveira; Engemann, 2011; Solórzano *et al.*, 2021). Em 1904, o eucalipto australiano foi introduzido no Brasil para fins comerciais, com incentivo do governo. Gainsbury e Colli (2014) foram os primeiros autores a estudar os efeitos de uma plantação de eucalipto abandonada no Cerrado brasileiro em uma comunidade de lagartos, mas Brockerhoff (2013) já apontava os problemas que as monoculturas trazem à biodiversidade. As comunidades das faunas nativas de florestas são afetadas por esses habitats homogêneos porque dependem de diferentes microhabitats, onde desempenham suas atividades e podem fugir de predadores (Balvanera *et al.*, 2006; Wenny *et al.*, 2011; Brockerhoff *et al.*, 2013; Lemessa *et al.*, 2015; Samnegård *et al.*, 2016; Gainsbury e Colli, 2019).

Os répteis são um grupo de vertebrados bastante conhecido, composto pelos Lepidosauria, os tuataras, lagartos, anfisbenas e serpentes; Archosauria, os jacarés, crocodilos e Aves; e por fim os Testudines, cágados, jabutis e tartarugas. Neste estudo trataremos dos répteis, excluindo as Aves. Dentro deste recorte, uma importante característica é a ectotermia, ou seja, a dependência de fontes externas de calor para sua termorregulação e desempenho das atividades (Pough *et al.*, 2008). Podem ser encontrados em uma ampla gama de ambientes, com diferentes variações climáticas, com maior abundância nos trópicos e possuem o corpo protegido por escamas (Pearson e Bradford, 1976; Pough *et al.*, 2008). Lepidosauria é o grupo mais abundante dentre os répteis, são 7.724 espécies de lagartos e 4.145 espécies de serpentes, superando os Crocodylia, com apenas 27 espécies e os Testudines, com 366 (Uetz *et al.*, 2024). Lagartos, particularmente, são bastante utilizados em estudos de ecologia, devido a fácil observação e captura, e também por serem filogeneticamente bem conhecidos (Pincheira-Donoso *et al.*, 2013); enquanto as serpentes também são bons modelos para estudos ecológicos e evolutivos, graças às suas adaptações morfológicas ligadas aos hábitos alimentares, entretanto seu encontro é mais fortuito (Gans, 1961; Scanlon e Shine, 1988; Hampton, 2011).

Neste estudo, foi avaliada a variação da diversidade taxonômica da taxocenose de répteis na Fazenda Riachão (SELA), na Serra da Saudinha, município de Maceió, Alagoas, numa paisagem em mosaico, composta por remanescentes florestais de Mata Atlântica e plantações de eucalipto. Foi testada a hipótese de haver maior diversidade taxonômica nas áreas de florestas nativas devido à maior participação de espécies de floresta.

## **2 OBJETIVOS**

## 2.1- Objetivo Geral

Caracterizar a diversidade taxonômica de répteis que ocorrem na Fazenda Riachão (SELA), Serra da Saudinha, município de Maceió, Alagoas, considerando os diferentes componentes da paisagem em mosaico, mata ombrófila (interior e borda) e plantação de eucalipto e comparar a diversidade da área de estudo com a de outros fragmentos de Mata Atlântica situados no CEP.

## 2.2- Objetivos Específicos

- Avaliar a variação na diversidade da fauna de répteis, entre os ambientes da Fazenda Riachão;
- Caracterizar as espécies de répteis obtidas de acordo com a sua história natural, área de distribuição geográfica e o estado de conservação;
- Comparar a composição da fauna de répteis da Fazenda Riachão/Serra da Saudinha com a de outros remanescentes de Mata Atlântica localizados no CEP.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 - A Mata Atlântica

O bioma Mata Atlântica é constituído por diferentes formações florestais e ecossistemas por toda a extensão da costa leste brasileira, sendo originalmente uma das maiores porções de floresta tropical do mundo e a segunda maior da América do Sul, depois da Amazônia. Possuía cobertura de 1,6 milhões de hectares, dos quais 93% em território brasileiro, e partes no Paraguai (5.3%) e Argentina (1.7%) (Sobral-Souza e Lima-Ribeiro, 2017; Muylaert *et al.*, 2018). A sua história evolutiva promoveu uma grande complexidade estrutural, tornando-se um bioma único (Myers *et al.*, 2000). O IBGE (2012) classifica a Mata Atlântica como complexo de vários tipos de vegetação, com fitofisionomias variáveis, podendo estar próximas ou não da Costa Atlântica, e diferenciadas em termos de terreno, localização, clima e flora.

Uma ecorregião é um espaço geográfico distinto que compartilham espécies, características e processos ecológicos similares (Dinnerstein, 1995). Pode-se dizer que parte importante dessas características e especificidades da Mata Atlântica foram diferenciadas nos

últimos 20.000 anos, durante o Quaternário, quando perdeu suas conexões com a floresta Amazônica, devido ao crescimento da vegetação xerófila e arbustiva no centro do Brasil (Bigarella *et al.*, 1975; Prado e Gibbs, 1993; Costa, 2003; Marques *et al.*, 2021). A diversificação da fauna e flora é atribuída à redução de fluxo gênico entre populações e consequente deste isolamento geográfico, caracterizando a ocorrência de especiação alopátrica (Silva *et al.*, 2004; Dantas *et al.*, 2011). Contudo, vários eventos geológicos contribuíram para esta diversificação, tais como a variação do nível do mar durante as glaciações, o soerguimento da cordilheira da serra do Mar e o surgimento de importantes sistemas hídricos (Leite *et al.*, 2016; Figueiredo *et al.*, 2021).

Os eventos da formação da Mata Atlântica contribuíram para os altos índices de endemismo e de biodiversidade (Sobral-Souza; Lima-Ribeiro 2017; Figueiredo *et al.*, 2021). A diversidade e o endemismo por unidade de área são excepcionais na Mata Atlântica, especialmente quando levamos em conta quantas espécies estão agrupadas em áreas muito pequenas que restam (Marques *et al.*, 2021).

Há mais de 20.000 espécies de fauna e flora, das quais pelo menos 6.000 são endêmicas – um número superior ao da maioria dos países. Considerando apenas os tetrápodes, existem mais de 2.600 espécies, incluindo 384 espécies de mamíferos, com pelo menos 109 endêmicas; 1.025 aves, com 215 endêmicas; 517 répteis, com 126 endêmicas e 719 anfíbios, dos quais um número impressionante de 504 são endêmicas (Figueiredo *et al.*, 2021). Esta fauna notável representa 8% das espécies de tetrápodes do mundo e mais de 5% da riqueza de vertebrados globais. Considerando que 157 novas espécies de Tetrapoda foram descritas na Mata Atlântica na última década, a importância da região para a biodiversidade global pode ser ainda superior (Paglia e Pinto, 2010; Figueiredo *et al.*, 2021). Além da megabiodiversidade contida na Mata Atlântica, é estimado que 60% da população brasileira se beneficie de alguma forma com os serviços ecológicos prestados pelos ambientes em equilíbrio, como regulação do clima, proteção contra desastres naturais (como enchentes e deslizamentos de terra), provisão de itens de subsistência (Pires *et al.*, 2021).

A origem do conhecimento europeu sobre a Mata Atlântica data do fim do século XVIII com as expedições de naturalistas, que ficaram fascinados com os povos nunca antes vistos e a megadiversidade de fauna e flora (Marques *et al.*, 2021); no entanto, o conhecimento científico só cresceu quando boa parte das florestas já estava desmatada (Dean, 1995).

O mercado europeu tinha demandas por produtos naturais nativos do Brasil, com isso muitas investigações foram estimuladas, principalmente pelo Marquês de Pombal, que deu acesso a naturalistas portugueses e brasileiros, visando ao descobrimento de espécies nativas

que servissem para cultivo. Com a chegada da família real ao Brasil, no início do século XIX, naturalistas ingleses e franceses foram convidados a explorarem o território brasileiro, dando origem às coleções científicas, como a do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 1808, a do Museu Nacional, em 1818; contudo, a maioria dos espécimes coletados voltava para as instituições europeias (Marques *et al.*, 2021).

Após a Proclamação da República (1889), o Brasil teve a oportunidade de desenvolver a ciência independente do Poder Federal, possibilitando a ascensão de museus de história natural e, após a criação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), em 1951, surgiram sociedades científicas. A partir de então, muitos centros de pesquisa foram estabelecidos dentro do território da Mata Atlântica, contando com suas próprias coleções científicas, contribuindo assim para o aprimoramento do conhecimento científico básico sobre biogeografia, sistemática, ecologia e conservação da Mata Atlântica (Marques *et al.*, 2000, 2021). Segundo Eisenlohr *et al.* (2015), em 70 anos de estudos sobre a Mata Atlântica, apenas 0,01% de seu total foi pesquisado; denotando o quanto o conhecimento científico sobre a Mata Atlântica ainda é bastante limitado.

O histórico de interações humanas foi danoso e reflete o estado atual de degradação do bioma; povos pré-colombianos já praticavam técnicas de manejo de fogo que, conseqüentemente, exerceram pressão sobre a paisagem, antes da chegada dos europeus (Solórzano *et al.*, 2021). Mas, foi com a chegada dos colonizadores portugueses que a paisagem foi alterada por meio de grandes sistemas de plantio de monoculturas, culminando na era da industrialização e modernização atual do Antropoceno (Marques *et al.*, 2021). A exploração teve início com a extração da madeira Pau-Brasil (*Caesalpinia echinata*, atualmente *Paubrasilia echinata*) (Coimbra-Filho e Câmara, 1996). Desde então, a paisagem foi alterada de forma tão dramática que é possível marcar diferentes particularidades por região, por exemplo na porção nordeste da Mata Atlântica, a maior parte de sua extensão original é coberta por plantações de cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*), sobrando menos de 13% de sua cobertura original (Lins-e-Silva *et al.*, 2021). Enquanto nas outras regiões brasileiras ao sul do rio São Francisco, se formaram centros urbanos de grande importância econômica. Um dos resultados do uso do solo nesse período foi a crescente fragmentação da floresta (Marques *et al.*, 2021).

Diversas espécies foram trazidas do exterior pelos portugueses, desde animais domesticados, que demandam pasto, até espécies vegetais (Solórzano *et al.*, 2021). A cana-de-açúcar e o café, principalmente com numerosas outras espécies, modificaram drasticamente a paisagem da Mata Atlântica, por serem plantadas como extensas monoculturas. Além disso,

houve o efeito da competição com espécies nativas, a exemplo de plantas ornamentais, frutíferas e até grama exótica, usada para alimentar os mamíferos ungulados domésticos (Oliveira Engemann, 2011; Solórzano *et al.*, 2021).

A cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil durante o século XXI e rapidamente se tornou uma monocultura rentável, se adaptando melhor na região nordeste brasileira, pois não se desenvolve bem em grandes altitudes e demanda solo seco de terras baixas ou costeiras (Ashraf, 2006). Hoje em dia, na região Nordeste, as monoculturas de cana-de-açúcar ocupam pelo menos 186 municípios em 5 estados e cerca de 9% a 10% da cobertura natural original permanece preservada (Fundação SOS Mata Atlântica, 2018; IBGE, 2018). Mas, os danos à integridade da Mata Atlântica não estão restritos apenas ao uso de extensões de terra para plantio, pois todo o processo de conversão da cana para o açúcar demanda grandes quantidades de combustível para os fornos das fábricas, então as florestas adjacentes ofereciam lenha necessária (Solórzano *et al.*, 2021).

Hoje a Mata Atlântica concentra cerca de 70% da população brasileira, se tornando uma região onde predomina agricultura, pastos, estradas, indústrias, cidades, em detrimento das florestas nativas, tornando-se um bioma preponderantemente antropizado, composto por paisagens de mosaico (Ellis; Ramankutty, 2008; Solórzano *et al.*, 2021). A demanda de áreas urbanas e silviculturas aumenta a expansão de paisagens em mosaico e contribui para a redução dos fragmentos de floresta, interferindo no fluxo gênico de populações de grupos taxonômicos distintos, dificultando a manutenção das comunidades presentes (Tabarelli *et al.*, 2010; Oliveira; Solórzano, 2014). A redução das áreas naturais promove o efeito de borda, que se trata do conjunto de alterações provocadas no fragmento em decorrência de sua degradação, e é uma das principais ameaças à conservação da Mata Atlântica, pois altera sua funcionalidade e a estrutura próxima à margem (Fahrig, 2003). Ainda não há consenso sobre a extensão em que o efeito de borda altera áreas fragmentadas inseridas em matrizes de monoculturas de cana-de-açúcar (Lins-e-Silva *et al.*, 2021). Oliveira *et al.* e Silva *et al.* (2008), ao examinarem assembleias de plantas, concluíram que um raio de 100 metros pode ser afetado pelos efeitos de borda, porém é bastante agravado nos primeiros 40-60 m.

Outros danos à biodiversidade da Mata Atlântica ainda precisam ser melhor caracterizados, como aqueles provocados pelo uso de herbicidas, inseticidas e por fertilização química, para mensurar o grau de prejuízo à biodiversidade que essas práticas oferecem (Lins-e-Silva *et al.*, 2021). A queimada é outra prática comum que destrói amplas áreas (Coelho *et al.*, 2011; Goes *et al.*, 2011). Além dos fatores expostos, a caça ilegal e a introdução de espécies exóticas exercem uma pressão sobre a biota da Mata Atlântica que necessita de mais incentivo

e esforços para ser combatida (Rezende, *et al.* 2018) e que podem resultar também em graves problemas para a Saúde Pública, face às ameaças de transbordamentos de patógenos e consequente emergência de zoonoses (Gray *et al.*, 2023).

Durante a década de 1990 houve um aumento na quantidade de estudos descritivos envolvendo animais e plantas da Mata Atlântica, também sobre ecologia de populações e comunidades, compreendendo principalmente mamíferos e aves; desde então as preocupações com a biodiversidade e o ambiente vêm ganhando espaço em todo o país (Marques *et al.*, 2021).

### **3.2 - O Centro de Endemismo Pernambuco**

A Mata Atlântica possui regiões diferenciadas devido a processos biogeográficos particulares, como já anteriormente mencionados, que resultam em altas taxas de endemismo e são reconhecidos centros de endemismo distintos (Silva; Casteleti, 2004; França *et al.*, 2023). A porção nordeste da Mata Atlântica, que compreende os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, é referida por muitos autores como Centro de Endemismo Pernambuco (CEP) (Silva; Casteleti, 2004; Tabarelli; Roda, 2005; França *et al.*, 2023). Foi Prance (1982) o primeiro a sugerir o complexo de endemismo “Pernambuco” a partir da similaridade de composições florísticas entre diferentes localidades, e desde então, centros de endemismo têm sido avaliados em diversas porções de Mata Atlântica, mas o CEP permanece reconhecido como uma área distinta em trabalhos posteriores (Silva; Casteleti, 2004; Tabarelli; Roda, 2005; Tabarelli *et al.*, 2010; Carvalho *et al.*, 2021; França *et al.*, 2023).

Atualmente existem apenas 5% de cobertura vegetal original por todo CEP, restando apenas fragmentos de floresta inseridos em amplas matrizes de monocultura e, as pressões no entorno destes fragmentos são altas, enquanto os esforços para criar novas áreas de conservação, medidas de proteção e leis visando ao controle de desmatamento e da caça são poucos (Silva; Tabarelli, 2001; França *et al.*, 2023). Mesmo sob a constante ameaça e falta de medidas efetivas para a conservação, estes fragmentos restantes guardam índices altos de riqueza de biodiversidade, o que é um vislumbre de quando todo o CEP se encontrava inalterado (França *et al.*, 2023). Dentre os estados que compõem o CEP, Alagoas tinha 58,94% de seu território originalmente coberto por Mata Atlântica, mas atualmente, restam apenas 17,7% (Fundação SOS Mata Atlântica, 2018; Map Biomas, 2021).

### **3.3 - Répteis**

Os répteis são um grupo parafilético bastante conhecido, e excluindo Aves, é composto pelos Lepidosauria, os tuataras, lagartos e serpentes; Archosauria, os jacarés e crocodilos; e os Testudines, cágados, jabutis e tartarugas (Pough *et al.*, 2008). Possuem o corpo protegido por escamas ou escudos revestidos por queratina e são ectotérmicos, ou seja, regulam a temperatura para desempenho das atividades expondo-se ou afastando-se de fontes externas de calor (Pough *et al.*, 2008). São encontrados em diversos ambientes, com diferentes regimes climáticos, contudo, têm maior abundância nos trópicos (Pearson; Bradford, 1976; Pough *et al.*, 2008). Lepidosauria são o grupo com maior riqueza dentre os répteis, abrangendo 7.724 espécies de lagartos e 4.145 espécies de serpentes, superando os Crocodylia, com apenas 27 espécies e os Testudines, com 366 (Uetz *et al.*, 2024). Lagartos, em especial, são bastante utilizados em estudos de ecologia devido à fácil observação e captura, e também por serem filogeneticamente bem conhecidos (Pincheira-Donoso *et al.*, 2013), enquanto que as serpentes também são bons modelos para estudos ecológicos e evolutivos, graças às suas adaptações morfológicas ligadas aos hábitos alimentares (Gans, 1961; Scanlon; Shine, 1988; Hampton, 2011).

### 3.4 - Silvicultura

A perda de áreas naturais em virtude da expansão agrícola é contínua e inclui a produção de madeira e subprodutos, para a qual, espécies vegetais de rápido crescimento são preferidas, a exemplo de *Eucalyptus* spp., introduzida no Brasil em 1904 (Barlow *et al.*, 2007). No caso do plantio da cana-de-açúcar, Pinto *et al.* (2010) relataram que mesmo fragmentos de florestas inseridos em matrizes de monoculturas, conseguem conservar os parâmetros de umidade e calor dos microhabitats contidos, por tanto, há a possibilidade de manter níveis elevados de biodiversidade a depender da extensão do fragmento. No caso do *Eucalyptus* spp., Rodrigues *et al.* (2022) afirmam que os fragmentos de mata inseridos em matrizes de silvicultura apresentaram maior riqueza de espécies com menor dominância e pouca incidência de espécies pioneiras. A biodiversidade está intrinsecamente ligada ao ambiente onde ocorre, e isto determina os processos ecológicos, incluindo estrutura do ecossistema, produtividade, função e serviços (Balvanera *et al.*, 2006; Brockerhoff *et al.*, 2013). Por exemplo, interações tróficas e a polinização dependem da biodiversidade (Wenny *et al.*, 2011; Lemessa *et al.*, 2015; Samnegard *et al.*, 2016).

Existe um debate crescente de que as florestas plantadas são provavelmente menos resilientes às mudanças ambientais do que as florestas naturais para manter o funcionamento do ecossistema e apoiar a biodiversidade (Jactel; Brockerhoff, 2007; Williams, 2015; Cordero–

Rivera *et al.*, 2017). Estudos apontam que a riqueza de espécies é maior em florestas naturais do que nas plantações de eucalipto (Pereira *et al.*, 2007; Lemessa *et al.*, 2022). Também é conhecido que a serapilheira contida nas silviculturas possui riqueza pouco significativa, pois está relacionada à menor heterogeneidade dos micro-habitats e à baixa qualidade nutricional (Louzada *et al.*, 1997; Majer; Recher, 1999). Isto leva também a uma redução considerável da riqueza de vegetação nativa (Soares *et al.*, 1998).

Não há dúvida de que o eucalipto tem uma importante função para os seres humanos, fornecendo madeira, papel, celulose, medicamentos, mel e outros produtos de madeira (Kebebew; Ayele, 2010). Porém, do ponto de vista ecológico, o eucalipto consome muita água e provoca ressecamento de áreas úmidas, esgota os nutrientes do solo e reduz a produtividade da terra; é alelopático, efeito que inibe a formação de sub-bosque, incluindo a regeneração da flora nativa, que tem como uma das consequências a erosão do solo, restringindo a biodiversidade (Carnus *et al.*, 2003; Jaleta *et al.*, 2016; Cordero–Rivera *et al.*, 2017).

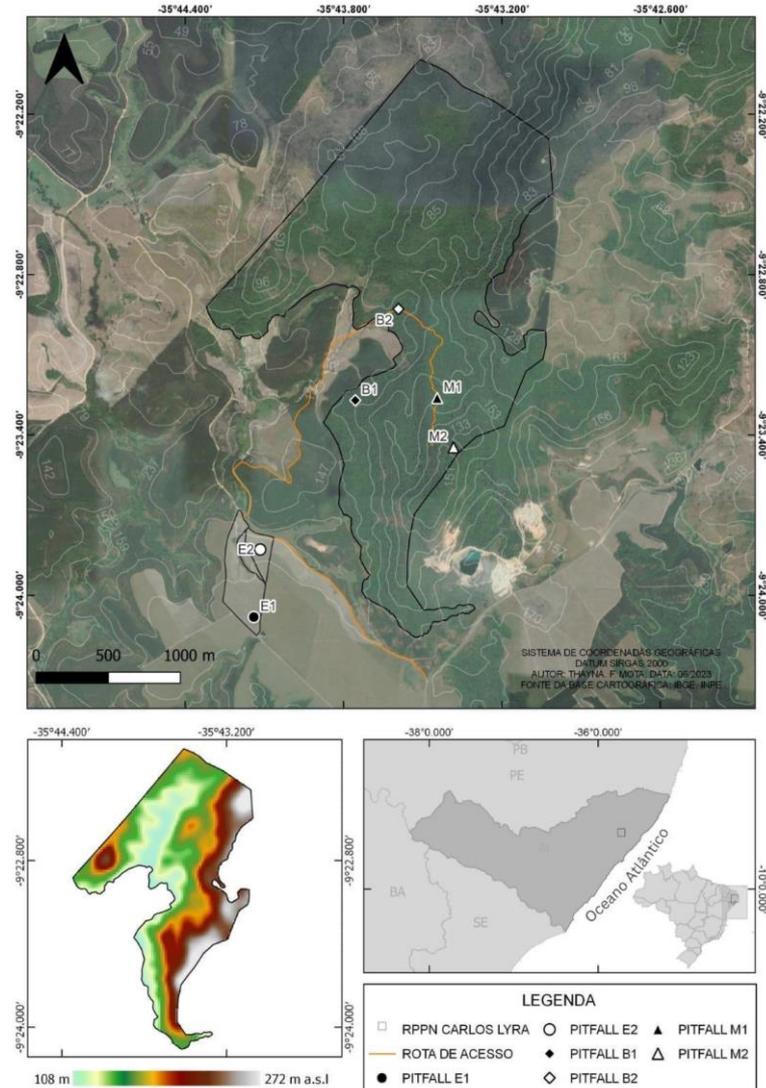
## 4 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo fez parte do projeto intitulado: Fauna de invertebrados, herpetofauna e mastofauna na Fazenda Riachão (SELA), Maceió, Alagoas.

### 4.1- Área de estudo

A coleta de dados foi realizada em um remanescente florestal de Mata Atlântica e nas plantações adjacentes de eucalipto da Fazenda Riachão (SELA), Serra da Saudinha, município de Maceió, Alagoas, Nordeste do Brasil (**Figura 1**). Esta área tem como coordenada central o ponto 09°22'S e 35°43' WGr e consiste em um mosaico com 728 ha, distribuídos em um remanescente de floresta ombrófila de Mata Atlântica, inserido em uma matriz de monocultura de Eucalipto e pequenas áreas de cana-de-açúcar. Possui nascentes e corpos d'água em abundância, distribuídos no remanescente florestal com 392 ha. O relevo apresenta altitudes entre 120 e 304 metros e o solo é formado por Argissolos Vermelho Amarelo e Afloramentos de Rocha (Alves *et al.*, 2002). O clima da região é classificado como subúmido, com temperaturas que variam entre 20°C e 30°C, e precipitação média anual de 1.800mm (Barros *et al.*, 2012). O remanescente foi transformado recentemente em Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), chamada Carlos Lyra.

**Figura 1** - Localização da área de estudo, Fazenda Riachão com a marcação dos pontos de amostragem por armadilhas de queda, duas réplicas por ambiente: Eucalipto – círculos, preto e branco (respectivamente, E1 e 2), Borda da Mata – losangos, preto e branco (respectivamente B 1 e 2) e Interior da Mata - triângulos, preto e branco (respectivamente, M1 E M2), na porção superior da figura. Mapa altimétrico da RPPN Carlos Lyra, na porção inferior esquerda da figura. Localização da Fazenda Riachão (SELA), no estado de Alagoas, Nordeste do Brasil.



Fonte: Elaborado por Thayná F. Mota, 2023.

#### 4.2- Coleta de dados

A observação e coleta dos espécimes foi feita por uso de armadilhas de interceptação e queda com cerca-guia (*pitfall traps*) e a por meio de busca ativa, percorrendo transectos nos diferentes ambientes da área de estudo.

#### 4.2.1 - Armadilhas de queda: pitfall traps

Foram utilizados 120 baldes para a montagem das armadilhas. Cada balde de 50 l foi enterrado até a borda no solo e foram implantadas cercas guias de lonas plásticas pretas com 50 cm de altura e 4 m de comprimento, conectando as bordas dos baldes. Os habitats amostrados foram três, cada um com duas réplicas de transectos de armadilhas de queda: 1. Interior de mata ombrófila (M1 e M2); 2. Borda de mata ombrófila (B1 e B2); 3. Plantação de eucaliptos (E1 e E2). Cada transecto, contou com 20 baldes distribuídos em cinco estações consecutivas, separadas entre si por uma distância de 10 m. Cada estação foi composta por quatro baldes, dispostos em Y, de forma que houve um balde central e outros três periféricos. Entre o balde central e cada balde periférico foi estendida a lona de 50 cm de altura e 4 m de comprimento, sustentada por ripas de madeira pregadas ao solo. As lonas tiveram 10 cm de suas extremidades inferiores enterradas no solo para evitar a fuga de animais (**Figura 2**). Os transectos de armadilhas de queda mediram 70 m de comprimento, e cada tipo de habitat teve 140 m (duas réplicas) amostrados por esse método. Cada transecto de amostragem distou no mínimo 200 m do mais próximo, assegurando a independência dos dados. As armadilhas permaneceram cinco dias abertas em cada excursão. Foram seis excursões mensais, sendo três nos meses da estação seca e três na chuvosa, totalizando um esforço amostral de 4.200 armadilhas/dia.

**Figura 2** - Estações de armadilhas de pitfall, com ênfase no balde central (A); no ambiente de Eucalipto (B), no ambiente de Borda da mata (C); e no ambiente de interior da Mata (D).



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

#### 4.2.2 - Busca ativa

A busca ativa foi realizada em dupla, seguindo a metodologia de procura limitada por tempo, sendo duas horas de percurso por transectos definidos aleatoriamente. Assim, foram investigadas serapilheira, cavidades no solo, troncos caídos, copas de árvores, e outros microhabitats que se constituem possíveis abrigos de herpetofauna. A cada encontro com algum réptil, foi realizada a coleta manual e anotadas as seguintes informações: hora do avistamento, microhabitat, altura com relação ao solo e atividade do indivíduo. Também foram feitas anotações relacionadas ao ambiente de cada transecto: temperatura, umidade e tipo de vegetação, para comparações posteriores.

#### **4.2.3 - Armadilha de captura aquática**

Para a captura de quelônios, foi empregado um covão iscado com sardinha enlatada. Este covão foi ancorado e mantido parcialmente submerso na margem dos corpos d'água dos ambientes de estudo. O covão foi instalado no primeiro dia da campanha, inspecionado diariamente e removido no último dia da campanha. Cada ambiente foi submetido ao mesmo esforço amostral utilizando esse método de coleta.

### **4.3 - Análise de dados**

A eutanásia dos répteis foi realizada por meio de injeção via intraperitoneal de lidocaína a 2%, seguindo os procedimentos recomendados no Guia brasileiro de produção, manutenção ou utilização de animais em atividades de ensino ou pesquisa (2023). Os indivíduos tiveram numeração de campo atribuída, impressa sobre etiquetas de PVC e amarradas ao corpo, sob o acrônimo SAUDINHA AL. As biometrias foram aferidas e os indivíduos foram identificados por meio de chaves dicotômicas e artigos de descrição. Após a fixação em formalina 10%, por até 7 dias, a depender das massas dos indivíduos, estes, foram preservados em solução aquosa de álcool etílico a 70%, para serem incorporados à coleção científica do Setor de Herpetologia do Museu de História Natural de Alagoas, sob o acrônimo MHN-UFAL.

As análises de diversidade taxonômica das taxocenoses de cada ambiente avaliaram a riqueza (S), composição, abundância relativa das espécies, por meio do cálculo do índice de diversidade de Shannon (H'), estimador de riqueza de Jackknife, equitabilidade de Simpson ( $E_{1/D} = 1/D/R$ ), e entre ambientes e localidades, através do índice de similaridade de Jaccard ( $d_{jk} = M / (M+N)$ ). Os índices foram calculados com auxílio do software PAST 4.03.

### 4.3.1 - Índices

A riqueza foi obtida utilizando o estimador Jackknife de primeira ordem, com auxílio do programa EstimateS 9.10. O índice de Shannon foi escolhido por sua maior sensibilidade à abundância de espécies raras, assumindo que os indivíduos são coletados de forma aleatória (Magurran, 2010). Sendo expresso por:  $H' = -\sum_{i=1}^R (p_i \times \ln(p_i))$ , onde:  $H'$  é o Índice de Shannon;  $R$  é o número total de espécies (riqueza de espécies);  $p_i$  é a proporção da espécie  $i$  em relação ao total de espécies, calculada como  $n_i/N$ , onde  $n_i$  é o número de indivíduos da espécie  $i$  e  $N$  é o número total de indivíduos de todas as espécies.

A equitabilidade mede a desigualdade na distribuição das abundâncias dentro de uma comunidade, comparando-a com uma comunidade hipotética onde as abundâncias são todas equivalentes, ou seja, sem dominância (KREBS, 1999). O índice de equitabilidade de Simpson assume que a máxima diversidade é obtida quando todas as abundâncias são iguais, sofrendo pouca influência de espécies raras, sendo expresso por:  $E_{1/D} = 1/D/R$ , onde:  $E_{1/D}$  é o índice de equitabilidade de Simpson;  $1/D$  é o índice de Simpson modificado (KREBS, 1999);  $R$  é o número de espécies na amostra.

O Índice de Similaridade de Jaccard é frequentemente utilizado para comparar a composição de espécies entre diferentes comunidades ou locais, sendo ele uma medida estatística usada para comparar a similaridade e diversidade de conjuntos de amostras. A fórmula do Índice de Similaridade de Jaccard é:  $C_j = c/(a+b-c)$ , onde: onde  $c$  é o número de espécies encontradas em ambos os locais (A e B, por exemplo). O  $a$  é o número total de espécies no local A,  $b$  é o número de espécies no local B.

## 4.4 - Análise de Similaridade entre os fragmentos de Mata Atlântica

Para compor a lista de espécies da Fazenda Riachão, utilizou-se deste estudo, acrescido de levantamento de indivíduos depositados na coleção científica do Setor de Herpetologia do MHN/UFAL, obtidos durante um outro estudo realizado nos anos de 2004 e 2005. A composição de espécies da Fazenda Riachão foi comparada, a partir de listas de espécies de répteis disponíveis na literatura, com taxocenoses de cinco localidades no CEP: Estação Ecológica Murici, AL (Dubeux *et al.*, 2022); APA do Catolé, AL (Gonçalves *et al.*, 2023); Reserva Biológica de Pedra Talhada, AL (Roberto *et al.*, 2015); Parque Estadual Dois Irmãos, PE (Melo *et al.*, 2018) e Reserva Biológica Guaribas, PB (Mesquita *et al.*, 2018). Após o

levantamento geral das espécies para suas respectivas localidades, foi feita a análise de similaridade para todas as regiões com o propósito de comparar com a área de estudo.

#### **4.5 - História natural e conservação**

Para elaborar a lista comentada das espécies da Fazenda Riachão - Serra da Saudinha, foram considerados aspectos de história natural, distribuição e o estado de conservação, a partir de consulta à literatura, assim como aos portais do Ministério do Meio Ambiente e da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza).

## **5 RESULTADOS**

### **5.1 Composição, riqueza e abundância**

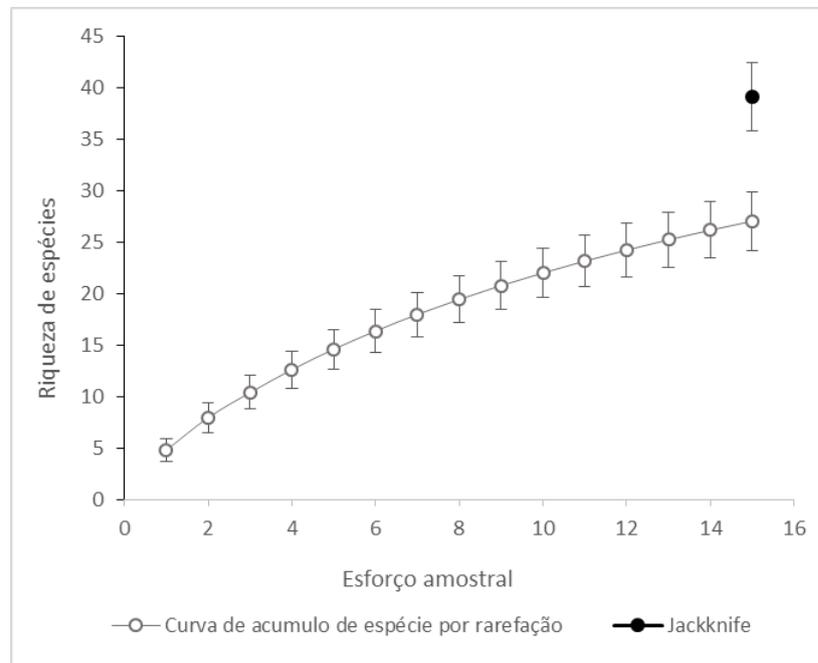
Durante as excursões ao campo foram coletados, ao todo, 153 indivíduos distribuídos em 27 espécies e 13 famílias, pertencentes às ordens Squamata e Testudines. Foram 13 espécies de lagartos, 13 de serpentes e uma de quelônio na Fazenda Riachão, Serra da Saudinha (**Tabela 1**). Das espécies estimadas (Jackknife 1) para área, foram amostradas 69%, com o sucesso de captura de 3,2% (**Figura 2**).

**Tabela 1** - Abundância dos répteis na Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha, Maceió, Alagoas, 2021 e 2022 e ocorrência nos habitats N é número de indivíduos e AR a abundância relativa. *Adelphostigma occipitalis*\* foi capturada fora da área de estudo.

Espécie	N	AR	Localidade		
			Eucalipto	Borda	Mata
Ordem Squamata					
"Lagartos"					
<b>Dactyloidae</b>					
<i>Dactyloa punctata</i> (Daudin, 1802)	5	3,26%	x	x	x
<i>Norops fuscoauratus</i> (D'Orbigny, 1837)	12	7,84%		x	x
<i>Norops ortonii</i> (Cope, 1868)	2	1,30%		x	x
<b>Diploglossidae</b>					
<i>Diploglossus lessonae</i> Peracca, 1890	1	0,65%			x
<b>Gymnophthalmidae</b>					
<i>Dryadosaura nordestina</i> Rodrigues, Freire, Pellegrino & Sites, 2005	5	3,26%		x	x
<b>Leiosauridae</b>					
<i>Enyalius</i> aff. <i>catenatus</i> (Wied, 1821)	4	2,61%			x
<b>Mabuyidae</b>					
<i>Copeoglossum nigropunctatum</i> (Spix, 1825)	3	1,96%		x	x
<b>Phyllodactylidae</b>					
<i>Coleodactylus meridionalis</i> (Boulenger, 1888)	71	46,40%		x	x
<i>Gymnodactylus darwini</i> (Gray, 1845)	4	2,61%		x	x
<i>Phyllopezus lutzae</i> (Loveridge, 1941)	4	2,61%			x
<b>Teiidae</b>					
<i>Ameiva ameiva</i> (Linnaeus, 1758)	1	0,65%			x
<i>Kentropyx calcarata</i> Spix, 1825	17	11,11%		x	x
<i>Salvator merianae</i> Duméril & Bibron, 1839	1	0,65%	x		
"Serpentes"					
<b>Boidae</b>					
<i>Boa atlantica</i> Gonzales, Lima, Passos, Silva, 2024	2	1,30%			x
<b>Colubridae</b>					
<i>Chironius flavolineatus</i> Jan, 1863	1	0,65%	x		
<i>Dendrophidion atlantica</i> Freire, Caramaschi & Gonçalves, 2010	1	0,65%			x
<i>Tantilla melanocephala</i> (Linnaeus, 1758)	2	1,30%	x	x	
<b>Dipsadidae</b>					
<i>Adelphostigma occipitalis</i> (Jan, 1863)*	1	0,65%			
<i>Erythrolamprus reginae</i> (Linnaeus, 1758)	3	1,96%	x		x
<i>Erythrolamprus taeniogaster</i> (Jan, 1863)	1	0,65%	x		
<i>Leptodeira tarairiu</i> Costa, Graboski, Graziotin, Zaher, Rodrigues & Prudente, 2022	2	1,30%		x	x
<i>Oxyrhopus guibei</i> Hoge & Romano, 1977	1	0,65%		x	
<i>Siphlophis compressus</i> (Daudin, 1803)	1	0,65%		x	
<i>Thammodontophis pallidus</i> (Linnaeus, 1758)	4	2,61%		x	x
<b>Elapidae</b>					
<i>Micrurus ibiboboca</i> (Merrem, 1820)	1	0,65%		x	
<b>Typhlopidae</b>					
<i>Amerotyphlops brongersmianus</i> (Vanzolini, 1976)	1	0,65%		x	
Ordem Testudines					
<b>Chelidae</b>					
<i>Phrynops geoffroanus</i> (Schweigger, 1812)	2	1,30%		x	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

**Figura 3** - Curva de rarefação de riqueza e valor de riqueza dado pelo estimador Jackknife 1 de primeira ordem, para os Répteis da Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha, Maceió, Alagoas, 2021 e 2022.



**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2024.

As espécies mais abundantes na área de estudo foram os lagartos, sendo o lagarto-de-folhíço *Coleodactylus meridionalis*, o único representante da família mais abundante, Sphaerodactylidae (n=79), participando com 51,6% na amostra; seguido de *Kentropyx calcarata*, da família Teiidae (n=19), 12,4%; e *Norops fuscoauratus*, da família Dactyloidae (n=19), 12,4% da amostra. Estas três espécies somaram 65,3% da amostra total. As espécies menos abundantes foram os lagartos *Ameiva ameiva* e *Diploglossus lessonae* e as serpentes *Adelphostigma occipitalis*, *Amerotyphlops brongersmianus*, *Chironius flavolineatus*, *Dendrophidion atlantica*, *Erythrolamprus taeniogaster*, *Oxyrhopus guibei*, *Siphlophis compressus* e *Micrurus ibiboboca*, todas com apenas um único indivíduo coletado. Essas nove espécies totalizaram 6,5% de toda amostra. Diploglossidae, Elapidae e Typhlopidae foram as famílias menos representadas no estudo (**Tabela 1**).

A distribuição da riqueza e abundância nos ambientes diferiu. O Eucalipto apresentou menor riqueza (seis espécies) e menor abundância (oito indivíduos), sendo o lagarto *Dactyloa punctata* e a serpente *Erythrolamprus reginae* os mais abundantes, com apenas dois indivíduos, enquanto as outras espécies, o lagarto *Salvator merinae* e as serpentes *Erythrolamprus taeniogaster*, *Chironius flavolineatus*, e *Tantilla melanocephala* tiveram apenas um indivíduo coletado. O valor do índice de diversidade de Shannon foi o mais baixo ( $H'=1.733$ ) e a equitabilidade apresentou o valor mais alto ( $E_{1/D}=0.9428$ ) dentre as áreas (**Tabela 2**).

**Tabela 2** - Valores de riqueza, abundância, diversidade e equitabilidade para os ambientes da área.

	<b>Eucalipto</b>	<b>Borda</b>	<b>Mata</b>
Riqueza	6	16	17
Abundância	8	57	87
Diversidade de Shannon ( $H'$ )	1.733	1.998	1.871
Equitabilidade	0.9428	0.4607	0.3822

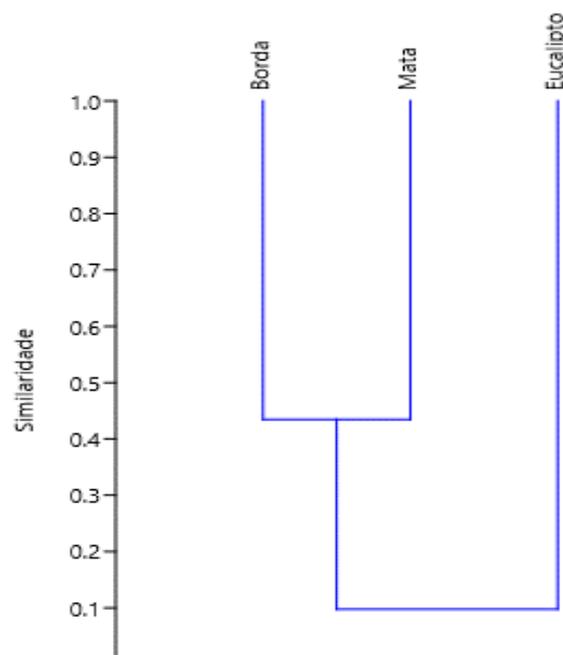
**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2024.

No ambiente de Borda foram coletados 57 indivíduos distribuídos em 16 espécies, sendo o segundo ambiente mais rico e abundante. As espécies mais abundantes foram os lagartos *C. meridionalis* (n=26), *Kentropyx calcarata* (n=8), *Dryadosaura nordestina* (n=4), *Norops fuscoauratus* (n=4), *Gymnodactylus darwinii* (n=2), o quelônio *Phrynops geoffroanus* (n=2) e a serpente *Thamnodynastes pallidus* (n=2); enquanto que as espécies menos abundantes foram os lagartos *Copeoglossum nigropunctatum*, *Dactyloa punctata* e *Norops ortonii*; as serpentes *Amerotyphlops brongersmianus*, *Leptodeira tarairiu*, *Micrurus ibiboboca*, *Oxyrhopus guibei*, *Siphlophis compressus* e *Tantilla melanocephala*, todos com apenas um indivíduo coletado. A diversidade de Shannon foi a mais alta dentre as áreas ( $H'=1.998$ ) e para a Equitabilidade o valor foi intermediário ( $E_{1/D}=0.4607$ ).

O ambiente de Mata apresentou a maior riqueza, com 17 espécies, somando um total de 87 indivíduos. As espécies mais abundantes foram *C. meridionalis* (n=45), *K. calcarata* (n=9), *N. fuscoauratus* (n=8), *Phyllopezus lutzae* (n=4), *Enyalius aff. catenatus* (n=4), *Boa atlantica* (n=2), *C. nigropunctatum* (n=2), *D. punctata* (n=2), *G. darwinii* (n=2), *T. pallidus* (n=2); enquanto que as espécies menos abundantes foram *A. ameiva*, *Dendrophidion atlantica*, *Diploglossus lessonae*, *D. nordestina*, *E. reginae*, *Leptodeira tarairiu* e *N. ortonii*, todos com apenas um indivíduo coletado. O valor do índice de diversidade de Shannon foi intermediário com relação às duas outras áreas ( $H'=1.871$ ) e a equitabilidade teve o menor valor ( $E_{1/D}=0.3822$ ).

Com relação à similaridade da composição entre os ambientes, a Borda e Mata foram mais similares (43,4%) e se agruparam, enquanto o Eucalipto se distanciou, apresentando valores baixos entre Borda (1%) e Mata (0,9%), entretanto o valor de  $p$  não foi estatisticamente significante (**Figura 4**). Algumas espécies foram coletadas exclusivamente no interior da mata ombrófila, como as serpentes *B. atlantica*, *D. atlantica* e os lagartos *D. lessonae* e *E. aff. catenatus*. Já a Borda teve como espécies exclusivas o Testudines *Phrynops geoffroanus* e as serpentes *M. ibiboboca* e *A. brongersmianus*. O Eucalipto teve a serpente *C. flavolineatus* e o lagarto *S. merinae* como espécies exclusivas.

**Figura 4** - Similaridade entre as composições das taxocenoses de répteis nos ambientes da Borda da Mata, Interior da Mata e Plantação de eucalipto, na Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha, Maceió, Alagoas, 2021 e 2022.



**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2024.

**Tabela 3** - Valor do teste *T* e de *p* para a similaridade entre as composições das taxocenoses dos répteis nos ambientes de Mata, Borda e Eucalipto na Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha, Maceió, Alagoas, 2021 e 2022.

Pares	Valor de T	Valor de <i>p</i> (<0.05)
Eucalipto X Borda	-0,91209	0,3734
Eucalipto X Mata	-0,4992	0,62447
Borda X Mata	0,54874	0,58414

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2024

A taxocenose da Fazenda Riachão - Serra da Saudinha é composta por 43 espécies, incluindo registros anteriores (2004-2005). Além das 27 espécies coletadas neste estudo, foram acrescentadas a partir do estudo anterior: a anfisbena *Amphisbaena alba*, os lagartos *Coleodactylus elizae*, *Hemidactylus mabouia*, *Polychrus marmoratus*, *Psychosaura macrorhyncha*, *Tropidurus hispidus*, *Strobilurus torquatus* e as serpentes *Chironius bicarinatus*, *Clelia plumbea*, *Corallus hortulana*, *Dipsas variegata*, *Dipsas neuwiedi*, *Oxybelis aeneus*, *Oxyrhopus petolarius*, *Oxyrhopus trigeminus* e *Xenodon merremii*. Estas espécies acrescentadas confirmam a importância de estudos de maior duração para o conhecimento da biodiversidade de uma localidade.

A riqueza de répteis registrados em apenas 6 remanescentes de Mata Atlântica do CEP totalizou 119 espécies. Os maiores valores de riqueza foram encontrados para a ESEC de Murici e a Reserva Biológica de Pedra Talhada, respectivamente com 90 e 75 espécies, enquanto o Parque Estadual Dois Irmãos teve a menor riqueza, com apenas 27 espécies (**Tabela 4**).

**Tabela 4** – Riqueza de espécies das taxocenoses de répteis em 6 remanescentes do CEP da Mata Atlântica.

Remanescentes do CEP	Extensão (ha)	Estado	Riqueza de répteis					Fonte
			Total	Lagartos	Serpentes	Testudines	Crocodylia	
APAe ESEC Murici	133100	AL	89	30	54	3	2	Dubeux <i>et al.</i> 2022
REBIO Pedra Talhada	4500	AL e PE	75	28	44	2	1	Roberto <i>et al.</i> 2015
REBIO Guaribas	4321	PB	72	27	42	1	2	Mesquita <i>et al.</i> 2018
APA do Catolé	3700	AL	65	24	35	4	2	Dubeux <i>et al.</i> 2023
RPPN Carlos Lira (Serra da Saudinha)	392	AL	42	20	21	1	0	Presente estudo
Parque Estadual Dois Irmãos	372	PE	27	16	7	2	2	Melo <i>et al.</i> 2018

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2024.

No total, 24 espécies foram exclusivas de determinados remanescentes (Tabela 5), e 14 compartilhadas entre todos: os lagartos *Amphisbaena alba*, *Dryadosaura nordestina*, *Dactyloa punctata*, *Ameiva ameiva*, *Kentropyx calcarata*, *Salvator merianae*, *Tropidurus hispidus*,

*Coleodactylus meridionalis*, *Enyalius* aff. *catenatus*; e as serpentes *Boa atlantica*, *Oxyrhopus petolarius*, *Adelphostigma occipitalis*, *Thamnodynastes pallidus*, *Tantilla melanocephala*.

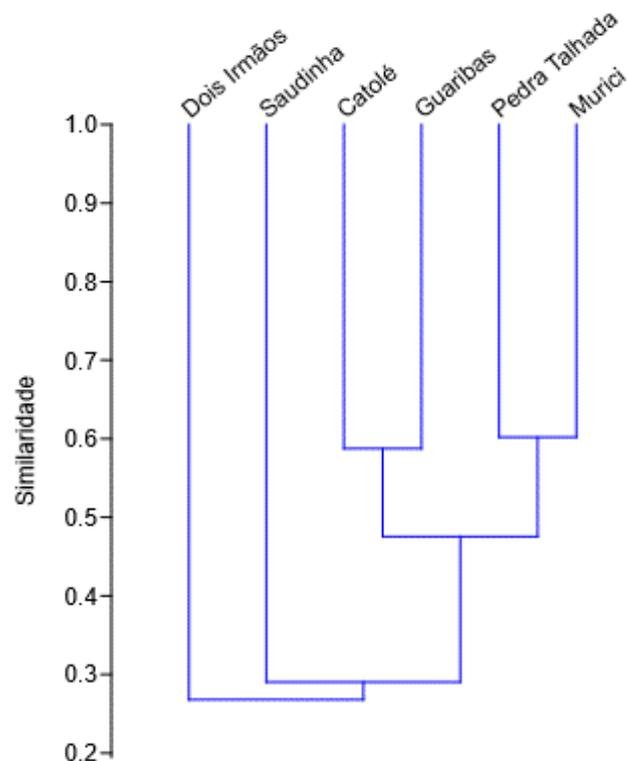
**Tabela 5** - Espécies de répteis registrados nos remanescentes ESEC de Murici, Rebio Pedra Talhada, Rebio Guaribas, Parque Estadual Dois Irmãos e suas ocorrências exclusivas para cada localidade.

Espécies exclusivas	AL		PB	PE
	Murici	Pedra Talhada	Guaribas	Dois irmãos
<i>Acanthochelys radiolata</i> (Mikan, 1820)		x		
<i>Amphisbaena vermicularis</i> Wagler, 1824				x
<i>Atractus caete</i> Passos, Fernandes, Bérnils & Moura-Leite, 2010		x		
<i>Apostolepis cearensis</i> Gomes, 1915			x	
<i>Apostolepis longicaudata</i> Gomes, 1921			x	
<i>Boiruna sertaneja</i> Zaher, 1996			x	
<i>Bothrops muriciensis</i> Ferrarezzi & Freire, 2001	x			
<i>Cercophis auratus</i> (Schlegel, 1837)	x			
<i>Cercosaura ocellata</i> Wagler, 1830			x	
<i>Cercosaura olivacea</i> (Gray, 1845)	x			
<i>Dipsas indica</i> Laurenti, 1768	x			
<i>Dipsas sazimai</i> Fernandes, Marques & Argôlo, 2010	x			
<i>Echinerthera cephalomaculata</i> Di-Bernardo, 1994		x		
<i>Erythrolamprus almadensis</i> (Wagler, 1824)			x	
<i>Gymnodactylus geckoides</i> Spix, 1825			x	
<i>Helicops leopardinus</i> (Schlegel, 1837)		x		
<i>Leposternum polystegum</i> (Duméril, 1851)				x
<i>Leposoma baturitensis</i> Rodrigues & Borges, 1997		x		
<i>Micrurus carvalhoi</i> Roze, 1967	x			
<i>Ophiodes striatus</i> (Spix, 1824)	x			
<i>Phrynops tuberosus</i> (Peter, 1870)				x
<i>Phyllopezus periosus</i> Rodrigues, 1986		x		
<i>Phyllopezus pollicaris</i> (Spix, 1825)		x		
<i>Xenopholis scalaris</i> (Wucherer, 1861)	x			

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2024.

As análises de agrupamento resultaram nas seguintes combinações de pares mais similares: Murici/Pedra Talhada (60,1%) e Catolé/Guaribas (58,7%); enquanto Dois Irmãos se distanciou dos demais remanescentes, como a menos similar (**Figura 4**). A Serra da Saudinha se assemelhou mais com Murici (43%) e Pedra Talhada (42,1%) mas não formou nenhum par e foi menos similar a Dois irmãos (32%).

**Figura 5** - Dendograma de similaridade das taxocenoses de répteis dos remanescentes de Mata Atlântica no CEP.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

## 5. 2 Lista comentada dos répteis da Fazenda Riachão – Serra da Saudinha, Alagoas.

### Ordem Squamata

“Lagartos”

#### FAMÍLIA AMPHISBAENIDAE Gray, 1865

*Amphisbaena alba* Linnaeus 1758

**Descrição:** O maior anfisbenídeo; Colli *et al.* (1999) informaram que o menor macho em estágio reprodutivo tinha o Comprimento Rostro Cloacal (CRC) de 422 mm e a da fêmea, 457 mm.

**Distribuição:** Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Paraguai, Trinidad e Brasil.

**Habitat:** Fossorial.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Segundo Colli *et al.* (1999), besouros, formigas e aranhas estão numericamente mais representados na dieta desses anfisbenídeos e volumetricamente os besouros, formigas e larvas de insetos ocupam valores maiores, mas é sabido que nos estômagos de *A. alba* são encontrados pequenos vertebrados e matéria vegetal.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** No presente estudo não foi obtida.

### **FAMÍLIA DACTYLOIDAE Fitzinger 1843**

*Dactyloa punctata* Daudin 1802

**Descrição:** São lagartos chamados popularmente de “papa-vento” verdes com corpos e caudas comprimidos, de tamanho médio-moderado, com CRC máximo 90 mm nos machos, incluindo a protuberância nasal bem desenvolvida, e CRC de 81 mm nas fêmeas, segundo Ávila-Pires (1995), embora Nicholson, *et al.* (2012) apontem que fêmeas possam atingir até 96 mm. As escamas dorsais são granulares ou queladas enquanto as escamas ventrais são maiores porém suaves ou queladas também. A barbel varia entre amarela ou laranja, e, nos machos pode alcançar o limite dos membros anteriores. Os dentes anteriores são cônicos enquanto os dentes posteriores possuem três cúspides; a língua é larga e cortada na ponta (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** América do Sul continental Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Guianas, Bolívia e Brasil, compreendendo os estados Amazonas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Pará, Rondônia, Bahia e Paraíba. São encontrados também no leste do Panamá e na Ilha Gorgona (Nicholson, *et al.* 2012).

**Habitat:** São arborícolas, e ocorrem em matas primárias, secundárias e na borda, em diferentes alturas de árvores, sendo raramente vistos no chão, embora algumas observações apontam que indivíduos podem percorrer o chão para se alimentar ou dormir próximo ao solo, ou que exista uma relação entre altura de tronco ocupada e período chuvoso (Hoogmoed, 1973; Duellman, 1978; Meede, 1984; Ávila-Pires, 1995).

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** É composta principalmente por formigas e ortópteros, mas os besouros também são importantes componentes de sua dieta (Hoogmoed, 1973; Duellman, 1978; Vitt, *et al.* 2003; Lucas *et al.* 2023).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024)

**Observação:** No presente estudo dois indivíduos foram avistados no eucalipto, mas a predominância foi na mata ombrófila.

*Norops fuscoauratus* D’Orbigny 1837

**Descrição:** Lagartos “papa-vento” de coloração marrom acinzentada, geralmente uniforme na região dorsal, porém alguns indivíduos podem apresentar uma faixa escura ou clara que parte da nuca até a cauda (Ávila-Pires, 1995). Suas escamas dorsais são granulares e pouco queladas, aumentando de tamanho na região da coluna vertebral, enquanto as escamas do ventre são maiores e suaves (Ávila-Pires, 1995). Escamas na porção superior do focinho são de tamanhos heterogêneas e podem ser multi- ou unicarinadas (Ávila-Pires, 1995). Os dentes anteriores são cônicos enquanto os dentes posteriores possuem três cúspides. A língua é larga e cortada na ponta (Ávila-Pires, 1995). Possuem uma lamela expandida duas vezes maior que a falange distal, presente abaixo do quarto dígito (Ávila-Pires, 1995). A cor da barbel, muito mais desenvolvida nos machos, pode ser bicolor e varia em tons de vermelho, cinza e oliva (Ávila-Pires, 1995). Hoogmoed (1973) aferiu que o tamanho máximo para os machos é de CRC 49 mm, enquanto as fêmeas com 50.5 mm, assim como Campos *et al.* (2024) detectou que as fêmeas são mais longas e largas em comparação com os machos.

**Distribuição:** Do norte da América do Sul até o leste dos Andes, podendo ser encontrado em altitudes superiores a 1800 m acima do nível do mar. No Panamá, Equador, Bolívia, Peru, Venezuela, Colômbia, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Guiana e Brasil, presente nos seguintes estados: Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, Ceará, Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Sergipe.

**Habitat:** São encontrados em vegetações primárias conservadas e densas, assim como vegetações secundárias e vegetação de borda, em substratos variados como troncos entre 2 ou 5 m de altura, troncos ou ramos caídos, folhas de palmeira, vegetações herbáceas e até no chão; frequentemente avistados no período noturno próximos ao chão dormindo (Ávila-Pires, 1995).

**Reprodução:** Ovíparo. Reproduzem-se continuamente durante o ano (Campos *et al.*, 2024).

**Dieta:** Campos *et al.* (2024) determinaram que os itens mais importantes na sua dieta foram Araneae, Coleoptera e Orthoptera.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024)

*Norops ortonii* Cope 1868

**Descrição:** Lagartos “papa-vento” de coloração uniforme marrom acinzentada. Não são grandes, Hoogmoed (1973) determinou que os machos atingem CRC máximo de 57 mm, enquanto as fêmeas apenas 52 mm. Uma lamela expandida três vezes maior que a falange está presente abaixo do quarto dígito. Possuem escamas dorsais granulares, levemente queladas ou suaves, enquanto as ventrais são maiores e suaves. A base da cauda contém escamas levemente imbricadas. As escamas nasais são bem desenvolvidas e planas. Possuem 3 escamas oculares em contato com as supralabiais. A barbela é mais desenvolvida nos machos e varia entre amarelo, laranja e vermelho. Os dentes anteriores são cônicos enquanto os dentes posteriores possuem três cúspides. A língua é larga e cortada na ponta (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** Guiana Francesa, Guiana, Venezuela, Equador, Suriname, Colômbia, Bolívia, Peru e Brasil, nos estados do Amazonas, Pará, Amapá, Rondônia, Acre, Bahia, Sergipe, Pernambuco e Paraíba.

**Habitat:** São arborícolas que podem ocorrer em áreas perturbadas, como bordas e florestas secundárias velhas, como mencionado também por Cunha *et al.* (1985) em plantações abandonadas no Pará, o que não corrobora com os poucos indivíduos coletados nesse estudo, todos exclusivos da mata ombrófila. Podem ser encontrados próximos ao solo, principalmente à noite quando dormem (Duellman, 1978; Ávila-Pires, 1995).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Grande parte da dieta do *N. ortonii* consiste de formigas segundo Duellman (1978) e Lucas, *et al.* 2023.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024)

## FAMÍLIA DIPLOGLOSSIDAE

*Diploglossus lessonae* Peracca, 1890

**Descrição:** Possui o corpo alongado e serpentino e coloração com padrão bem colorido bem característica para a espécie relacionado a ontogenia.

**Distribuição:** No Brasil, encontra-se nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Sergipe e Alagoas (Vanzolini, 1958; Freire, 1996; Borges-Nojosa e Caramaschi, 2005; Torquato da Silva *et al.*, 2006; Queiroz *et al.*, 2010; Pedrosa *et al.*, 2014; Caldas *et al.*, 2016).

**Habitat:** Caldas *et al.* (2016) supõe que *D. lessonae* por ter o hábito semi-fossorial, dificulte a sua coleta, e por conta disso a espécie deve estar bem distribuída por toda a Caatinga, mas são conhecidos por habitar florestas úmidas com densa camada de matéria vegetal.

**Reprodução:** Ovíparo. Os indivíduos juvenis mimetizam uma espécie tóxica de Diplopoda *Rhinocricus albidolimbatus* Von Porat (1876), e por tanto, suas taxas de nascimento aumentam durante a estação chuvosa, época em que estes diplópodes estão em maior abundância no ambiente (Vitt, 1992).

**Dieta:** Araneae, Scorpiones, Opiliones, Blattodea, Coleoptera, Dermaptera, Hemiptera, Hymenoptera e Orthoptera (Vitt, 1985 e 1992; Passos *et al.*, 2011).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observação:** Apenas a cauda autotomizada do indivíduo foi recuperada.

## **FAMÍLIA GEKKONIDAE Gray 1905**

*Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnés, 1818)

**Descrição:** São Gekkos pequenos que variam de coloração pálida para cinza escuro, com faixas marrons transversais presentes no dorso e na cauda (Ávila-Pires, 1995). Possuem oito a nove lamelas vilosas e pareadas na base dos dígitos, com porção basal dilatada, onde as falanges distais erguem-se angularmente (Ávila-Pires, 1995). No quarto dígito a lamela começa a partir de certa distância da base e dos dedos (Ávila-Pires, 1995). As escamas dorsais, na porção superior e anterior dos membros anteriores e a das coxas e dos membros anteriores são moderadamente grandes, imbricadas e com a margem posterior redonda, enquanto que as superfícies dos membros superiores possuem escamas pequenas granulares e tubérculos ampliados; enquanto a cauda apresenta escamas ligeiramente imbricadas, romboides ou quadradas (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** Gekkos são considerados os répteis mais invasivos, e são uma ameaça constante para as espécies endêmicas de onde colonizam, e entre eles se destaca o *H. mabouia* cuja a sua origem se deu na Zambézia durante o Mioceno, porém devido a globalização e o tráfico de escravos da África, possibilitando a essa espécie colonizar diversas regiões do Novo Mundo (Hoskin, 2011, Buckland *et al.*, 2014, Agarwal *et al.*, 2021).

Hoje encontram-se bem distribuídos pela América, desde a Flórida nos EUA; na América Central, na Costa Rica, Panamá, México e Honduras; nas principais ilhas do Caribe; e na América do Sul, na Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Paraguai, Uruguai, Argentina e no Brasil, nos estados de Rio Grande do Sul, Bahia, Goiás,

Minas Gerais, Espírito Santo, Ceará, Mato Grosso, Sergipe, Rio de Janeiro, Amazonas, Rondônia, Alagoas, Pernambuco, Piauí e Paraíba.

**Habitat:** Vanzolini (1978) afirma que *H. mabouia*, no Brasil, pode colonizar diversas áreas naturais pouco perturbadas, desde a Amazônia até a Caatinga; enquanto alguns autores afirmam encontrá-los apenas em áreas de borda e até estritamente antropófilos, muito comuns em habitações e frequentemente visto nas paredes de residências, em busca de insetos atraídos pela luz de lâmpadas (Crump, 1971).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Segundo Bonfiglio *et al.* (2007), a dieta de *H. mabouia* é generalista e oportunista em áreas urbanas, onde apesar de canibalismo ser detectado, consiste principalmente de artrópodes, os Dípteros foram os itens alimentares mais importantes.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** No projeto atual (2021-23) não foram registrados nenhum indivíduo de *H. mabouia*.

#### **FAMÍLIA GYMNOPHTHALMIDAE Merrem, 1820**

*Dryadosaura nordestina* Rodrigues, Xavier Freire, Machado-Pellegrino & Sites, 2005

**Descrição:** Assim como a maioria dos gymnophthalmídeos, apresentam adaptações para o modo de vida semi- ou fossorial, como a perda de pálpebras e aberturas externas do ouvido, o corpo alongado e a redução dos membros (Barros *et al.*, 2011; Garda *et al.*, 2014). Mas o *D. nordestina* se destaca quanto a redução dos membros e um corpo robusto (Garda *et al.*, 2014), com escamas bem desenvolvidas. Os machos são maiores que as fêmeas (Garda *et al.*, 2014).

**Distribuição:** No nordeste do Brasil, do estado do Rio Grande do Norte até a costa e porção central do estado da Bahia (Rodrigues *et al.*, 2005; Camacho e Rodrigues, 2007; Delfino e Soeiro, 2012; Garda *et al.*, 2014).

**Habitat:** Semi-fossoriais, como a maioria dos gymnophthalmídeos, sendo forrageadores ativos e oportunistas (Rocha, 1994; Garda *et al.*, 2014).

**Reprodução:** Ovíparo. Garda *et al.* (2014) retrata que o pico reprodutivo ocorre entre maio e junho, na estação chuvosa.

**Dieta:** Formicidae, larvas e ovos de insetos foram os principais itens alimentares de *D. nordestina* em Garda *et al.* (2014), mas em volume Chilopoda, Dermaptera e larvas de insetos foram mais representativos.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

## **FAMÍLIA LEIOSAURIDAE Frost, Etheridge, Janies, & Titus, 2001**

*Enyalius* aff. *catenatus*

**Descrição:** Lagartos de médio porte predadores de senta-e-espera (Cruz *et al.*, 2018).

**Distribuição:** Ocorre na porção nordeste da Mata Atlântica, até Santa Catarina (Porto *et al.*, 2013).

**Habitat:** É um lagarto arborícola, encontrado em porções de floresta úmida e enclaves em regiões secas, avistado ocasionalmente no chão (Vanzolini, 1972; Freitas, *et al.* 2011).

**Reprodução:** Onívoro.

**Dieta:** Análises de conteúdos estomacais recuperados de *E. aff. catenatus* por Cruz *et al.* (2018) determinaram que as presas mais numerosas foram Isoptera, Hymenoptera (família Formicidae) e larvas de Lepidoptera, mas volumetricamente os maiores valores foram de larvas de Lepidoptera, Orthoptera e Isoptera.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

## **FAMÍLIA MABUYIDAE Mittleman, 1952**

*Copeoglossum nigropunctatum* Spix, 1825

**Descrição:** Lagartos heliotérmicos de tamanho médio, com CRC máximo em machos em 107 mm e em fêmeas 113 mm (Ávila-Pires, 1995). As escamas no meio do corpo são 27-34, ventrais 33-40 e dorsais 48-57 (Ávila-Pires, 1995). Palmas e solas são escuras e cobertas por tubérculos pequenos e heterogeneamente dimensionados (Ávila-Pires, 1995). Cada lado apresenta uma faixa escura bordada ou não por uma lista clara ventral ou dorsal - que pode ser mal definida (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** Equador, Bolívia, Colômbia, Trinidad, Suriname, Guiana Francesa, Guiana, Venezuela e Paraguai. Ocorre em toda a Amazônia brasileira e em porções do cerrado (Blackburn e Vitt, 1992; Ávila-Pires, 1995). Na Mata Atlântica é encontrado nos estados de Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (Ávila-Pires, 1995).

**Habitat:** Prefere lugares relativamente abertos, por isso é associado a bordas de mata; comumente visto em troncos e ramos caídos onde podem ser vistos termorregulando (Ávila-Pires, 1995).

**Reprodução:** Ovovivíparo. Hoogmoed (1973) considerava *C. nigropunctatum* vivíparo. Porém Vitt e Blackburn (1991) e Blackburn e Vitt (1992) demonstraram que há um processo de placentação bem desenvolvido, com a presença de uma membrana corioalantoide que fornece os nutrientes aos embriões, que variam, segundo Ávila-Pires (1995) em até oito.

**Dieta:** Apreciam uma grande variedade de artrópodes (Hoogmoed, 1973; Martins, 1991; Vitt e Blackburn, 1991; Ávila-Pires, 1995).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** O indivíduo (MHN 16455) foi coletado no início da campanha e deu a luz a dois outros indivíduos.

### **FAMÍLIA SCINCIDAE Gray, 1825**

*Psychosaura macrorhyncha* (Hoge, 1946)

**Descrição:** Sem informações.

**Distribuição:** Sem informações.

**Habitat:** Sem informações.

**Reprodução:** Vivíparo (Rocha *et al.*, 1999).

**Dieta:** Sem informações.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** Nenhum *P. macrorhyncha* foi capturado no presente estudo.

### **FAMÍLIA SPHAERODACTYLIDAE Underwood, 1954**

*Coleodactylus elizae* Gonçalves, Torquato, Skuk & Araújo Sena, 2012

**Descrição:** É um lagarto bromelífero de floresta, com corpo cilíndrico, comprimido e com membros e cauda curtos (Gonçalves *et al.*, 2012). Sua coloração lateral é clara enquanto que a dorsal é rosada e cauda alaranjada, com cinco manchas claras bem destacadas; na região nugal possui uma listra clara em forma U (Gonçalves *et al.*, 2012). É pequeno, o macho possui CRC máximo medindo 27.4 mm (Gonçalves, *et al.*, 2012). Em sua quarta garra possui uma bainha protetora formada por 4 escamas imbricadas (Gonçalves *et al.*, 2012).

**Distribuição:** *C. elizae* é conhecido apenas em duas localidades do estado de Alagoas, sendo a Serra da Saudinha (Gonçalves *et al.*, 2012) e a APA de Murici (Dubeux *et al.*, 2021).

**Habitat:** No estudo de Gonçalves *et al.* (2012) dois indivíduos foram coletados em uma espécie de bromélia epífita *Aechmea muricata*, e um terceiro indivíduo em uma outra espécie rupícola *Aechmea gustavoi*.

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Provavelmente consomem pequenos artrópodes como os outros *Coleodactylus spp.* (Dias *et al.*, 2003).

**Status de conservação:** Dados insuficientes (IUCN, 2024).

**Observações:** No projeto atual (2021-23) não foram registrados nenhum indivíduo de *C. elizae*.

*Coleodactylus meridionalis* Boulenger, 1888

**Descrição:** É um lagarto pequeno associado a camada de folhiço, alcançando no máximo 3 cm de comprimento (Vanzolini *et al.*, 1980).

**Distribuição:** Encontrado principalmente na região do CEP, englobando os estados do Piauí até a Bahia (Vanzolini *et al.*, 1980; Ribeiro *et al.*, 2013). Também sendo encontrados em matas de transição segundo Ribeiro *et al.* (2013) e em espaços abertos como Vanzolini *et al.* (1980) no bioma da Caatinga e Colli *et al.* (2002) no Cerrado.

**Habitat:** Ocorre em florestas semidecíduais, principalmente Mata Atlântica, e também em matas relictuais, associado ao folhiço (Ribeiro *et al.*, 2013; Teixeira *et al.*, 2021).

**Reprodução:** Ovíparo. Indivíduos depositam um único ovo e há evidências de que fazem ninhos comunitários (Oliveira *et al.*, 2013).

**Dieta:** Consomem principalmente pequenos artrópodes como aracnídeos e Isopoda (Dias *et al.*, 2003).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

## FAMÍLIA PHYLLODACTYLIDAE

*Gymnodactylus darwinii* (Gray, 1845)

**Descrição:** São lagartos arborícolas noturnos, de coloração marrom castanho, com algumas marmoreações no dorso e um U nugal escuro; ainda segundo Freire (1998), a espécie varia morfologicamente ao longo da costa brasileira, onde o número de lamelas distais tem a média de nove (entre 7 e 11) nas populações do Nordeste e as de São Paulo e Minas Gerais tiveram a média de cinco (entre 5 a 7); a quantidade de escamas ventrais é maior em populações do encontrado no Norte e a os tubérculos dorsais são mais presentes em populações encontradas do Sul.

**Distribuição:** Ocorre em quase toda extensão de Mata Atlântica, do Rio Grande do Norte até São Paulo, sendo encontrado até em ilhas próximas à costa do estado de São Paulo (Vanzolini, 1953; Freire, 1998).

**Habitat:** Ocorre em florestas úmidas não muito altas, próximas ao nível do mar; pode ser encontrado em áreas sob o efeito de borda (Pellegrino *et al.* 2005).

**Reprodução:** Ovíparo, deposita apenas um ovo (Vitt, 1995).

**Dieta:** Insetívoro (Vitt, 1995).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Phyllopezus lutzae* (Loveridge, 1941)

**Descrição:** Lagarto bromelífero, com dorso cinza-alaranjado e pequenas marcas escuras semelhantes em tamanho; possuem as lamelas interdigitais indivisas (Loveridge, 1941; Dubeux *et al.*, 2022).

**Distribuição:** Restrito ao nordeste brasileiro, ocorrendo desde o estado da Bahia até a Paraíba (Albuquerque *et al.*, 2019; Coelho-Lima *et al.*, 2022).

**Habitat:** Primeiramente em florestas úmidas, mas também em ambientes de restinga, habitando os recipientes de bromélias, mas pode ocorrer em enclaves de mata na Caatinga (Costa *et al.*, 2018; Albuquerque *et al.*, 2019; Loveridge, 1941; Coelho-Lima *et al.*, 2022).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Insetívoro.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

## **FAMÍLIA POLYCHROTIDAE Fitzinger, 1843**

*Polychrus marmoratus* (Linnaeus, 1758)

**Descrição:** Lagarto arborícola com coloração dorsal cinza-oliva ou marrom claro, com pontos pretos ou azuis na cabeça e duas ou três linhas pretas que se originam do olho, onde uma é horizontal levemente curvada que ultrapassa o limite da abertura timpânica, a outra é oblíqua e alcança a abertura da boca, e a última, que pode estar presente ou não, é vertical e alcança as escamas supralabiais (Ávila-Pires, 1995). Possui um focinho rombudo com escamas suaves na superfície dorsal da cabeça, com uma crista gular comprimida que alcança o nível dos membros anteriores (Ávila-Pires, 1995). As escamas ventrais são queladas e as da cauda podem ser romboides, chatas e queladas, maiores que as dorsais (Ávila-Pires, 1995). Os dentes anteriores são cônicos enquanto os dentes posteriores possuem 3 cúspides; a língua é larga e cortada na ponta (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** Está distribuído principalmente na região Amazônica (Murphy *et al.*, 2017). Porém ele também é conhecido na porção oeste dos Andes até o Cerrado e Mata Atlântica (Vanzolini, 1983; Ávila-Pires, 1995; Kawashita-Ribeiro e Ávila, 2008, Nogueira *et al.*, 2010).

**Habitat:** São vistos frequentemente em galhos e ramos em bordas de mata (Hoogmoedi, 1973; Duellman, 1978; Ávila-Pires, 1995). Acredita-se que em mata densa eles ocorram no dossel (Vanzolini, 1983).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Vanzolini (1983) e Ávila-Pires (1995) encontraram uma variedade de artrópodes junto com matéria vegetal no estômago de indivíduos dissecados.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** No projeto atual (2021-23) não foram registrados nenhum indivíduo de *P. marmoratus*.

## **FAMÍLIA TEIIDAE Gray, 1827**

*Ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758)

**Descrição:** Teídeo pequeno, com SVC máximo 174 mm nos machos e 149 mm nas fêmeas (Ávila-Pires, 1995). Os juvenis apresentam o corpo marrom com uma faixa preta na porção superior dos flancos e as cabeça ou metade anterior do corpo verde, enquanto que os indivíduos adultos possuem a metade anterior do corpo marrom ou cinza, posterior verde e cauda azul-turquesa vivo, podendo ou não apresentar a faixa preta nos flancos (Ávila-Pires, 1995). A língua possui a ponta bífida e é lanceolada, coberta com papilas em forma de escamas imbricadas; os dentes anteriores são cônicos e os posteriores com tricúspides (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** Bolívia, Equador, Peru, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana, Guiana Francesa, Argentina, Paraguai e Brasil. Foi introduzido na Flórida.

**Habitat:** São heliotérmicos, portanto tem predileção por áreas abertas e ensolaradas que possuam cobertura vegetal mínima, como savanas e clareiras em florestas, mas também são comumente avistados em cenários antropizados ou urbanos, como estradas gramadas em parques próximos a vegetações secundárias (Ávila-Pires, 1995). A noite retornam para buracos escavados no chão (Ávila-Pires, 1995; Vanzolini, 1980; Araujo e Silva, 2005).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** É um forrageador ativo, no qual nos seus conteúdos estomacais estavam presentes predominantemente variedade de artrópodes, mas também anelídeos, moluscos, lagartos menores, ovos de outros lagartos e ainda material vegetal (Beebe, 1945; Hoogmoed, 1973; Ávila-Pires, 1995).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** Trata-se do avistamento de um indivíduo de *A. ameiva* no ambiente de Mata.

*Kentropyx calcarata* Spix, 1825

**Descrição:** Teídeo pequeno, com SVC máximo 110 mm nos machos e 105 mm nas fêmeas (Ávila-Pires, 1995). Possui coloração escura clara com uma listra vertebral clara nos juvenis e

alguns adultos; em cada lado há uma outra listra clara que começa da base inferior do olho e prolonga-se dorsolateralmente até a base da cauda (Ávila-Pires, 1995). Espécimes maiores, predominantemente os machos, desenvolvem padrões diferentes como: a ausência da listra vertebral, listras dorsolaterais menos conspícuas, presença de linhas horizontais pálidas nos flancos e superfície ventral da cabeça cor salmão ou rosa (Ávila-Pires, 1995). A língua possui a ponta bífida e é lanceolada, coberta com papilas em forma de escamas imbricadas; os dentes anteriores são cônicos e os posteriores com tricúspides (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e em todo o Brasil.

**Habitat:** *K. calcarata* é um habitante de florestas, mas é visto principalmente em áreas mais abertas onde há maior incidência de luz, devido a heliotermia, então pode ser visto em clareiras abertas devido a queda de alguma árvore, ou em bordas de matas (Ávila-Pires, 1995).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** É um forrageador ativo, no qual nos seus conteúdos estomacais estavam presentes variedades de artrópodes, predominantemente Orthoptera e aracnídeos, mas ocasionalmente moluscos e lagartos menores (Hoogmoed, 1973; Ávila-Pires, 1995).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Salvator merianae* Duméril & Bibron, 1839

**Descrição:** Um teídeo grande, machos com CRC máximo de 395 mm e fêmeas de 325 mm; com corpos cilíndricos e volumosos e patas robustas (Ávila-Pires, 1995). Sua coloração é clara com o corpo coberto de listras escuras (Ávila-Pires, 1995). A língua é lanceolada e coberta com papilas em forma de escamas imbricadas, possuindo a ponta bífida e com um sulco longitudinal nas duas extremidades; os dentes anteriores são cônicos e muito pequenos, há um dente maior em cada lado da maxila, semelhante a um canino; já os posteriores podem ser bi- ou tricuspídeos (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** São encontrados na Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, mas principalmente em todo o Brasil (Ávila-Pires, 1995).

**Habitat:** *S. merianae* ocupa diversos biomas, desde a Floresta Amazônica até a Mata Atlântica, mas ocorrendo também no Cerrado e na Caatinga, onde encontram espaços ensolarados e abertos para forragear ativamente devido a heliotermia (Ávila-Pires, 1995).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Consomem uma variedade de invertebrados e vertebrados, mas também matéria vegetal e frutos segundo Ávila-Pires (1995), que encontrou também uma pequena rocha ao analisar o

conteúdo estomacal de alguns espécimes provenientes da Amazônia, sugere que não foi uma ingestão acidental, mas sim um caso de litofagia como já foi registrado para alguns teídeos, onde elas provocam abrasão da matéria ingerida e facilitaria a digestão.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** Ocorreu apenas um avistamento de um *S. merianae* em 6 de abril de 2022 às 09:54 da manhã, no ponto do Eucalipto (E2), o que corrobora com a predileção por espaços abertos da espécie.

### **FAMÍLIA TROPIDURIDAE Bell, 1843**

*Tropidurus hispidus* (Spix, 1825)

**Descrição:** Tropidurídeo diurno, heliotérmico, de tamanho médio, com CRC máximo de 122 mm nos machos e 95 mm nas fêmeas (Ávila-Pires, 1995). Seu focinho é curto e redondo, o pescoço é mais estreito que a cabeça e o resto do corpo, corpo é cilíndrico e possui patas bem desenvolvidas (Ávila-Pires, 1995). Os dentes anteriores são cônicos e os posteriores possuem três cúspides e com cúspides menores e laterais (Ávila-Pires, 1995).

**Distribuição:** Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e todo o Brasil, predominantemente na região nordeste onde ocorre a Caatinga (Rodrigues, 1987).

**Habitat:** Ocorre em regiões de savana, onde há predominantemente substrato arenoso, mas é visto principalmente no chão e em rochas, frequentemente visto em regiões urbanas, em paredes e cercas (Rodrigues, 1987; Ávila-Pires, 1995).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Consomem uma variedade de artrópodes, mas principalmente Lepidoptera, Coleoptera, Orthoptera e Hymenoptera (Ávila-Pires, 1995).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** No presente estudo não foram capturados nenhum indivíduo de *T. hispidus*.

*Strobilurus torquatus* Wiegmann, 1834

**Descrição:** Difere-se dos demais tropidurídeos devido a cauda curta e repleta de escamas queladas e mucronadas (Rodrigues *et al.*, 2013).

**Distribuição:** Restrito a Mata Atlântica e a enclaves de floresta na Caatinga (Rodrigues *et al.*, 1989; Salles e Silveira, 2010; Borges-Nojosa e Caramaschi, 2003).

**Habitat:** Florestas úmidas onde forrageiam em diferentes níveis, podendo ser encontrado principalmente em troncos apodrecidos (Rodrigues *et al.*, 1989).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Principalmente formigas (Rodrigues *et al.*, 1989).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** Nenhum indivíduo de *S. torquatus* foi coletado durante o presente estudo.

“Serpentes”

## **BOIDAE**

*Boa atlantica* Gonzales, Lima, Passos, Silva, 2024

**Descrição:** Serpente de grande porte arborícola (Harrington *et al.* 2018). Possui a escama cloacal inteira, dorsais podendo variar entre 76-86-52, 72-83-55, 74-82-51 ou 70-87-59, escamas supralabiais no total de 20 a 24 e infralabiais de 21 a 26. Apresenta escamas ventrais de 242-247. Escamas subcaudais com amplitude de 51-53. (Pereira-Filho *et al.* 2017).

**Distribuição:** Brasil.

**Habitat:** Possui distribuição ampla, tanto em áreas abertas quanto áreas semiáridas (Cunha e Nascimento, 1978; Vitt e Vangilder, 1983).

**Reprodução:** Ovovivípara.

**Dieta:** Vitt e Vangilder (1983) afirmam que a *B. constrictor* se alimenta principalmente de aves e mamíferos.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Corallus hortulana* (Linnaeus, 1758)

**Descrição:** Serpentes arborícolas de médio porte que apresentam uma série de colorações que não tem relação aparente com o habitat (Pereira-Filho *et al.* 2017). Contém 13 escamas supralabiais, 16 escamas infralabiais, escamas dorsais em fileiras de 40-55-23, 267 escamas ventrais, 88 escamas subcaudais, escama cloacal inteira (Pereira-Filho *et al.* 2017).

**Distribuição:** Equador, Peru, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Suriname e no Brasil pode ser encontrada desde a Amazônia, Mata Atlântica e Caatinga (Cunha e Nascimento, 1993; Rodrigues, 1996).

**Habitat:** Arborícola (Argôlo, 2004).

**Reprodução:** Ovovivípara.

**Dieta:** Pequenos mamíferos e aves (Argôlo, 2004).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** Nenhuma *C. hortulana* foi capturada no presente estudo, apenas no projeto 2004-2005.

## FAMÍLIA COLUBRIDAE Opper, 1811

*Chironius flavolineatus* Boettger, 1885

**Descrição:** Serpente de tamanho médio, entre 507 mm a 894 mm de CRC, de acordo com Pinto *et al.* (2008). é a única espécie de *Chironius* que possui uma listra clara vertebral (Dixon *et al.*, 1993). Possui nove escamas supralabiais (4,5,6), 10 infralabiais, uma escama pré-ocular, três pós-oculares e escamas temporais 1+1; escamas dorsais em 12-12-10 ou 12-12-18, enquanto que as escamas ventrais possuem amplitude de 151 a 161 e as escamas subcaudais 126 a 145 (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Paraguai, Bolívia, Peru e no Brasil.

**Habitat:** Semi-arborícola.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Anurófaga (Pinto *et al.* 2008; Passos *et al.* 2017; Pereira-Filho *et al.* 2017).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Dendrophidion atlantica* Freire, Caramaschi & Gonçalves, 2010

**Descrição:** Serpente diurna endêmica do CEP (Freire *et al.*, 2010; Nascimento e Santos, 2016; Pereira-Filho *et al.*, 2017). Contém nove escamas supralabiais (4,5,6), nove infralabiais, uma escama pré-ocular, duas pós-oculares; as escamas temporais estão em 2+2, as escamas ventrais são 159, 145 subcaudais e a escama cloacal não apresenta nenhuma divisão (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Porção nordeste da Mata Atlântica, nos estados de Alagoas, Pernambuco e Paraíba (Freire *et al.*, 2010; Nascimento e Santos, 2016; Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Habitat:** Semi-arborícola (Freire *et al.*, 2010).

**Reprodução:** Ovípara

**Dieta:** Anurófaga (Cadler e Savage, 2012).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Oxybelis aeneus* (Wagler, 1824)

**Descrição:** Espécie bem distinta pela cabeça pontiaguda e a coloração cobre, que nomeia o epíteto da espécie: onde *Oxybelis* do grego “dardo alongado” e *aeneus* deriva do latim “cobre”. A espécie possui 10 escamas supralabiais, 10 infralabiais, duas pós-oculares e uma pré-ocular; escamas ventrais de 184 a 202 e subcaudais de 140 a 206; a cloaca é dividida (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Ampla distribuição geográfica, desde os Estados Unidos até a América do Sul: Colômbia, Bolívia, Venezuela, Peru, Suriname, Guiana, Guiana Francesa e Brasil (Savage, 2002).

**Habitat:** Arborícola, porém Pereira-Filho *et al.* (2017) coletou um indivíduo se locomovendo pelo solo.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Costa *et al.* (2022) confirmou que lagartos são o principal item alimentar de *O. aeneus*, mas ocasionalmente, anuros e pequenas aves são predados.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Tantilla melanocephala* (Linnaeus, 1758)

**Descrição:** Serpente criptozóica pequena, distinguível graças a coloração marrom clara e a mancha preta por trás da cabeça, que segundo Pereira-Filho *et al.* (2017) necessita de uma revisão taxonômica para a composição de uma diagnose confiável.

**Distribuição:** Na Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga (Cunha e Nascimento, 1978; Santana *et al.*, 2008 e Vanzolini *et al.*, 1980).

**Habitat:** Fossorial.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Análises de conteúdos estomacais revelam que Chilopoda é a base da dieta de *T. melanocephala* (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

## **FAMÍLIA DIPSADIDAE Bonaparte, 1838**

*Adelphostigma occipitalis* (Jan, 1863)

**Descrição:** São serpentes diurnas criptozoicos; com sete a oito escamas supralabiais (3,4 ou 3,4,5), oito a nove escamas infralabiais, escama loreal presente, uma escama pré-ocular, duas escamas pós-oculares, 1+2 escamas temporais, escamas ventrais variando de 165 a 213, escamas subcaudais variando de 64 a 75, escama cloacal dividida, escamas dorsais em fileiras de 15-15-15 ou 15-15-13 (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** No Brasil, habita a região amazônica, a Mata Atlântica e o Pantanal (Cunha e Nascimento, 1978; Argolo, 2004; Marques *et al.*, 2005).

**Habitat:** Terrestre e arborícola.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Anuros e lagartos (Marques *et al.*, 2005).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** Capturada (MHN 16720) próxima a área de estudo.

*Clelia plumbea* WIED-NEUWIED 1820

**Descrição:** É a maior espécie do gênero, com CRC alcançando 2,790 mm (Pizzatto, 2005).

**Distribuição:** Está bem distribuída nas florestas úmidas da América do Sul, principalmente na região amazônica e na Mata Atlântica (Gaiarsa *et al.*, 2013; Nogueira *et al.*, 2019).

**Habitat:** Predominantemente terrestre e de hábitos noturnos (Gaiarsa *et al.*, 2013).

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Ofiófaga, mas há registros de mamíferos e lagartos também ingeridos (Cunha e Nascimento, 1993; Gaiarsa *et al.*, 2013).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** Nenhum indivíduo de *C. plumbea* foi capturado no projeto atual.

*Dipsas variegata* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

**Descrição:** Sua cabeça é cinza claro a bege com manchas irregulares escuras ou marrom, sem bordas amarelas nítidas; seu dorso é repleto de machas bege a cinza com bordas pretas e faixa vertebral clara; possui 176–200 escamas ventrais nos machos e nas fêmeas 171–195, 78–93 e 66–86 subcaudais nos machos e fêmeas respectivamente (Harvey e Embert 2008).

**Distribuição:** Presente em toda a região amazônica (Lotzkat *et al.* 2008).

**Habitat:** Semi-arborícola.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Moluscos terrestres.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** No presente estudo não foram coletados nenhum indivíduo de *D. variegata*.

*Dipsas newwiedi* (Ihering, 1911)

**Descrição:** Possui de 154 a 163 escamas ventrais, 51 a 58 subcaudais; escama cloacal sem divisão (Santos *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Florestas mais interioranas e a brejos de altitude do nordeste brasileiro (Filho *et al.*, 2021).

**Habitat:** Terrestre e semi-arborícola.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Moluscos terrestres (Santos *et al.*, 2017).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** No presente estudo não foi coletado nenhum indivíduo.

*Erythrolamprus reginae* (Linnaeus, 1758)

**Descrição:** Distingue-se das demais espécie do gênero por suas características únicas, como: dorso e cabeça verde oliva e ventre cor de creme, com manchas laterais pretas que se estendem do terço anterior do corpo, entre a 2ª a 3ª fileiras de escamas dorsais, formando uma faixa lateral que se estende até o final da cauda; os machos possuem escamas ventrais entre 131–162, enquanto as fêmeas apresentam 125–164, 54–96 e 56–84 em fêmeas e machos respectivamente (Ascenso *et al.* 2019).

**Distribuição:** Colômbia, Bolívia, Equador, Peru, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai e Brasil.

**Habitat:** Terrestre e semi-arborícola.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** O indivíduo capturado na Mata regurgitou um anuro *Proceratophrys renalis*, corroborando com Albarelli *et al.* (2010) que relata a maior parte dos itens alimentares de *E. reginae* serem anfíbios.

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Erythrolamprus taeniogaster* (Jan, 1863)

**Descrição:** Possui 8 escamas supralabiais (4,5), 10 infralabiais, 1 pré-ocular, 2 pós-oculares, 1+2 temporais; 147 escamas ventrais, 47 subcaudais e escama cloacal dividida (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Colômbia, Bolívia, Equador, Peru e Brasil, na Amazônia e na porção nordeste de Mata Atlântica.

**Habitat:** Ocupa desde o solo de floresta úmida, até espaços abertos e antropizados, geralmente próximos a corpos d'água (Cunha e Nascimento, 1978; 1993)

**Reprodução:** Ovípara. Cunha e Nascimento (1993) sugerem que as ninhadas variam entre cinco a nove ovos.

**Dieta:** Anurófaga (Cunha e Nascimento, 1993).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Leptodeira annulata* (Linnaeus, 1758)

**Descrição:** Tem oito escamas supralabiais, nove infralabiais, a escama loreal está presente, uma ou duas escamas temporais, uma pré-ocular, duas ou três pós-oculares; 198 a 229 escamas ventrais, dorsais em 19-21-15, subcaudais entre 81 e 102; a escama cloacal é dividida (Pereira-Filho *et al.* 2017).

**Distribuição:** Toda a América do Sul até a Central (Duellman, 1985).

**Habitat:** Semi-arborícola (Pough *et al.* 2007).

**Reprodução:** Ovípara. Com registro de partenogênese (Petzold, 1982).

**Dieta:** Anurófaga (Vitt, 1996; Pough *et al.* 2007).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Oxyrhopus petolarius* (Linnaeus, 1758)

**Descrição:** Contém 8 escamas supralabiais (4,5), nove ou 10 infralabiais, escama loreal presente, uma pré-ocular, duas pós-oculares, 2+3 temporais, ventrais com amplitude de 201 a 215, escamas subcaudais com amplitude de 82 a 104, escama cloacal inteira, dorsais em fileiras de 19-19-17 (Pereira-Filho *et al.* 2017).

**Distribuição:** Está amplamente distribuída nas Américas do Sul e Central (Gaiarsa *et al.*, 2013). No Brasil são encontradas no Pantanal e Cerrado (Marques *et al.*, 2005, 2015), mas principalmente na região Amazônica e na Mata Atlântica (Cunha e Nascimento, 1978; Marques *et al.*, 2001).

**Habitat:** Encontrada principalmente em áreas florestais durante a noite (Marques *et al.*, 2005; Gaiarsa *et al.*, 2013; Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Os principais itens alimentares são mamíferos, entre roedores e morcegos, mas lagartos, aves e ovos também fazem parte (Duellman, 2005; França e Lima, 2012; Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Oxyrhopus guibei* Hoge & Romano, 1978

**Descrição:** Uma das espécies de serpente popularmente conhecida como Falsa-coral. Possui 8 escamas supralabiais, infralabiais variam entre oito e 10, a escama loreal está presente, uma pré-colar e duas pós-oculares; as ventrais variam entre 183 a 206, subcaudais 61 a 80 e a escama cloacal não é dividida (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru e todo o Brasil com exceção da região Norte (Gaiarsa *et al.*, 2013).

**Habitat:** Forrageiam no solo, mas podem subir em ramos (Correa *et al.*, 2020).

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Pequenos mamíferos, aves e lagartos (Barbo *et al.*, 2011; Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Oxyrhopus trigeminus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854

**Descrição:** Contém 8 escamas supralabiais (4,5), nove escamas infralabiais, escama loreal presente, uma escama pré-ocular, duas escamas pós-oculares, 2+3 escamas temporais, escamas ventrais com amplitude de 162 a 198, escamas subcaudais com amplitude de 56 a 80, escama cloacal inteira, escamas dorsais em fileiras de 19-19-17 (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Ocorre em todo Brasil, principalmente no Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, nos domínios da Amazônia, Floresta Atlântica, Caatinga e Cerrado (Alencar *et al.*, 2012; Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Habitat:** É frequentemente encontrada em habitats florestais e abertos, também perturbados, onde forrageiam principalmente a noite, mas ocasionalmente vista durante o dia (Marques *et al.*, 2005; Gaiarsa *et al.*, 2013).

**Reprodução:** Ovípara. A ninhada varia entre dois a 12 avos (Vitt e Vangilder, 1983; Alencar *et al.*, 2012; Gaiarsa *et al.*, 2013; Pereira-Filho *et al.* 2017).

**Dieta:** Lagartos e pequenos mamíferos (Vitt e Vangilder, 1983; Alencar *et al.*, 2012).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Siphlophis compressus* (Daudin, 1803)

**Descrição:** Possui oito escamas supralabiais, nove infralabiais, uma pré-ocular e duas pós-oculares, duas escamas temporais; 115 subcaudais e escamas cloacal sem divisão (Pereira-Filho *et al.* 2017).

**Distribuição:** Nas áreas de floresta tropical da América Central e do Sul, no Brasil tanto na Mata Atlântica quanto na Amazônia (Guedes *et al.*, 2011; Gaiarsa *et al.*, 2013).

**Habitat:** Terrestre tanto arborícola, tendo maior atividade no período noturno (Argôlo, 2004; Gaiarsa *et al.*, 2013).

**Reprodução:** Ovípara. O número de ovos varia entre três até 12 (Gaiarsa *et al.*, 2013).

**Dieta:** Saurófaga (Gaiarsa *et al.*, 2013).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Thamnodynastes pallidus* (Linnaeus, 1758)

**Descrição:** Contém oito escamas supralabiais, nove escamas infralabiais, escama loreal presente, uma escama pré-ocular, duas escamas pró-oculares, 2+3 escamas temporais, escamas ventrais com amplitude de 146 a 160, escamas subcaudais entre 84 e 100, escama cloacal inteira, escamas dorsais em fileiras de 17-17-11 ou 17-17-13 (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Amazônia e Floresta Atlântica.

**Habitat:** Semi-arborícola (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Reprodução:** Vivípara.

**Dieta:** Anurófaga (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

*Xenodon merremii* (Wagler, 1824)

**Descrição:** Popularmente conhecida como Falsa-jararaca, é uma serpente de porte médio, CT entre 560 a 990 mm segundo Pereira-Filho *et al.* (2017); ela contém sete escamas supralabiais, 10 infralabiais, duas pré-oculares e pós-oculares e escama loreal presente; as escamas ventrais variam entre 134 a 150 e as subcaudais entre 38 a 46; a escama cloacal não apresenta divisão (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Guiana, Suriname, Venezuela e todo o Brasil em biomas abertos como o Caatinga e Pantanal, mas principalmente na Mata Atlântica (Vanzolini *et al.*, 1980; Marques *et al.*, 2005).

**Habitat:** Terrestre.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Anurófaga (Marques *et al.*, 2005).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

**Observações:** No presente estudo não foram coletados.

## **FAMÍLIA ELAPIDAE Boie, 1827**

*Micrurus ibiboboca* (Merrem, 1820)

**Descrição:** Serpente peçonhenta com dentição opistóglifa (Silva *et al.*, 2016). Possui sete escamas supralabiais e infralabiais, 15 fileiras de escamas dorsais e a escama cloacal é dividida (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Endêmica do Brasil, em regiões do sul da Amazônia e no interior do país, mas predominante na Mata Atlântica (Silva *et al.*, 2016; Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Habitat:** São encontradas em florestas úmidas, mas podem ocorrer em áreas abertas e até espaços urbanos (Silva *et al.*, 2016).

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Ofiófaga.

**Status de conservação:** Dados insuficientes (IUCN, 2024).

### **FAMÍLIA TYPHLOPIDAE Merrem, 1820**

*Amerotyphlops brongersmianus* (Vanzolini, 1976)

**Descrição:** Pertencente ao grupo dos Scolecophidia (sensu stricto; Miralles *et al.*, 2018), são serpentes fossoriais conhecidas como “cobras-cegas”. Indivíduos alcançam entre 22 cm até 40 cm e podem apresentar variação de coloração entre marrom claro e escuro (Pereira-Filho *et al.*, 2017). Possui 20 escamas no meio corpo sem redução, com 217 a 232 escamas dorsais e 9 escamas subcaudais; ainda contam com um espinho caudal utilizado para defesa, inclusive quando manuseada (Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Distribuição:** Argentina, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Guiana, Trinidad e Brasil, nas regiões de Floresta Atlântica, Amazônia e Pantanal (Cunha e Nascimento, 1993; Marques *et al.*, 2005; Pereira-Filho *et al.*, 2017).

**Habitat:** Fossorial. Pereira-Filho *et al.* (2017) encontraram indivíduos em solo arenoso em uma profundidade superior a 20 cm.

**Reprodução:** Ovípara.

**Dieta:** Um estudo com indivíduos no Pantanal identificou que *A. brongersmianus* se alimenta predominantemente de insetos (Strussmann e Sazima, 1993).

**Status de conservação:** Pouco preocupante (IUCN, 2024).

### **Ordem Testudines**

#### **FAMÍLIA CHELIDAE Gray, 1831**

*Phrynops geoffroanus* Schweigger, 1812

**Descrição:** Espécie de Chelidae conhecido como cágado-de-barbicha, por apresentar duas barbelas bem desenvolvidas.

**Distribuição:** Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Paraguai, Venezuela e Brasil (Rhodin *et al.*, 2021).

**Habitat:** Rios e lagos de água doce, frequentemente avistado em zonas urbanas poluídas (Souza *et al.*, 2000; Pinã *et al.*, 2009).

**Reprodução:** Ovíparo.

**Dieta:** Principalmente invertebrados, larvas de Odonata e moluscos, e também peixes e matéria vegetal (Martins *et al.*, 2010).

**Status de conservação:** Sem informação.

**Observações:** Os dois indivíduos (MHN 16687 e 17065) foram coletados em um riacho nas proximidades da Borda (-9.385911, -35.73142)

## 6 DISCUSSÃO

A taxocenose inventariada neste estudo, na Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha, é composta por espécies de ocorrência comum para a Mata Atlântica, sem a presença de répteis ameaçados de extinção (IUCN, 2024). Entretanto, uma espécie de lagarto anão, *Coleodactylus elizae*, é rara, topotípica da Serra da Saudinha e restrita à Alagoas, ocorrendo também na ESEC de Murici. É importante ressaltar, também, que as espécies registradas para a Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha, representam 34,2% dos lagartos, 14,7% das serpentes e 20% dos quelônios conhecidos para o CEP.

A riqueza observada foi inferior à encontrada em alguns remanescentes ao norte do Rio São Francisco (Dubeux *et al.*, 2022; Santana *et al.*, 2008; Lima *et al.*, 2021; Gonçalves *et al.*, 2023; Roberto *et al.*, 2015), os quais são amplamente reconhecidos por suas elevadas riquezas, e dentre eles, os de Alagoas, a ESEC de Murici e a REBIO de Pedra Talhada, também se ressaltam pelos endemismos (Dubeux *et al.*, 2022; Roberto *et al.*, 2015).

O número de espécies estimadas para a área foi superior ao número de espécies amostradas neste estudo, no período de 2021 a 2023, entretanto quando se acrescentam as espécies obtidas nos anos de 2004 e 2005, os valores observados e estimados se aproximam, evidenciando a importância de inventários de duração maior, ou monitoramentos da fauna.

Em ambientes de paisagens homogêneas, como é o caso das monoculturas de eucalipto, é comum que a diversidade de répteis seja menor, uma vez que há uma importante relação com a disponibilidade de micro-habitats, que são mais diversos à medida que aumenta o grau de heterogeneidade da vegetação (Bencke *et al.*, 2009). Ou seja, a característica de homogeneização da fitofisionomia na silvicultura faz com que esses ambientes não comportem muitas espécies de répteis (Gainsbury; Colli, 2014; Bars-Closel, 2017). Outros fatores críticos para o estabelecimento da fauna nesses ambientes são a ocorrência de altas temperaturas durante as horas de maior incidência de luz solar, a baixa cobertura de solo e a baixa umidade (Bencke *et al.*, 2009). No entanto, algumas espécies aparentemente são favorecidas por essas características, como é o caso do lagarto teídeo grande, *S. merianae*, que por ser heliotérmico se adapta bem a ambientes onde existe bastante incidência de luz solar (Ávila-Pires, 1995), e as

duas serpentes *Erythrolamprus taeniogaster* e *Chironius flavolineatus*, que são conhecidas por seus hábitos generalistas e a alta capacidade de tolerar distúrbios antropogênicos (Barbosa *et al.*, 2024; Marques *et al.*, 2017). Estas três espécies foram exclusivas do ambiente de Eucalipto, durante o estudo.

Dos três ambientes, a Borda apresentou os maiores valores de diversidade e equitabilidade. Por se tratar de um ambiente de floresta nativa alterado durante a fragmentação do remanescente, se torna uma zona de transição, onde espécies típicas de florestas coexistem com espécies associadas às formações abertas (Garda *et al.*, 2013). No presente estudo, observou-se que o ambiente de borda comporta tanto espécies mais habitat-generalistas como a cobra-coral *Micrurus ibiboboca* (Santana *et al.*, 2008), quanto especialistas, como o lagarto de folhiço *Dryadosaura nordestina* (Rodrigues, 2005). Poucas espécies foram exclusivas da Borda, o que pode reforçar seu caráter de ambiente de transição. Araújo Neto (2017) aponta os lagartos de floresta arborícolas *Dactyloa punctata* e *Norops fuscoauratus* e o semi-arborícola, *Kentropyx calcarata* como espécies que possuem uma grande largura de nicho espacial, justificando a distribuição ampla destas nas áreas de estudo. A espécie aquática conhecida como tartaruga-de-pescoço-de-cobra, *Phrynops geoffroanus* foi encontrada apenas nos riachos neste ambiente, o que pode estar relacionado com a menor presença de rochas e quedas d'água e maior disponibilidade de solo arenoso nas margens, nessa porção do rio, em relação aos trechos do interior da mata.

O ambiente de Mata foi o menos equitativo devido à dominância prevalecer para menos espécies, tendo sido neste estudo, o lagarto anão do folhiço, *Coleodactylus meridionalis*, a espécie mais dominante, tanto na Mata, quanto na Borda. Essa espécie é conhecida por ser habitat-especialista de floresta, contudo possui uma alta tolerância térmica e geralmente é encontrada na serapilheira, em locais sombreados, o que pode minimizar os efeitos das altas temperaturas e da diferença na cobertura vegetal (Carilo Filho *et al.*, 2021; Ribeiro, 2013). Espécies como as serpentes *Boa atlantica*, *Erythrolamprus reginae* e *Dendrophidion atlantica* e os lagartos *Ameiva ameiva*, *Diploglossus lessonae*, e *Enyalius aff. catenatus* foram exclusivas da Mata. Vale ressaltar que *D. atlantica* é endêmica da Mata Atlântica ao norte do Rio São Francisco (Dubeux *et al.*, 2022) e *E. aff. catenatus*, segundo Rodrigues *et al.* (2014), trata-se de uma espécie distinta ainda não nomeada, distribuída ao norte do Rio São Francisco, as demais espécies possuem áreas de distribuição mais ampla na Mata Atlântica, como *Boa atlantica* (Gonzalez *et al.*, 2024) e amplas distribuições, como *Erythrolamprus reginae* (Nogueira *et al.*, 2019), *Ameiva ameiva* e *Diploglossus lessonae* (Ávila-Pires, 1995; Uchôa, *et al.*, 2022).

Coletas anteriores na Serra da Saudinha (2004-2005) contabilizaram 16 espécies a mais que no presente estudo, sendo essas espécies também comuns para a Mata Atlântica. Entretanto, dentre elas, o lagarto anão *Coleodactylus elizae*, é endêmico da Mata Atlântica do estado de Alagoas e encontrado apenas na Serra da Saudinha e na APA de Murici (Gonçalves *et al.*, 2012; Dubeux *et al.*, 2021). Ele pode não ter sido amostrado por ser uma espécie rara, pois só houve registro de três indivíduos no total, em bromélias-tanque e no estrato acima do solo (Gonçalves *et al.*, 2012; Dubeux *et al.*, 2022). Essa ausência nas coletas recentes evidencia a necessidade de aumentar um esforço de coleta direcionado na busca ativa em bromélias-tanque epífitas.

No tocante às análises de similaridade entre os fragmentos de Mata Atlântica, a Serra da Saudinha e o Parque Estadual Dois Irmãos se distanciaram dos demais e não formaram pares, compartilhando apenas 17 espécies entre si. A baixa riqueza desses fragmentos pode estar relacionada à pequena extensão territorial, 392 ha e 372 ha, respectivamente (Melo *et al.*, 2018).

A grande riqueza de répteis na ESEC e APA Murici, está relacionada à extensão, estado de conservação do habitat, presença de variação da topografia e, sem dúvida, ao enorme esforço de amostragem durante quase 30 anos de estudos, tornando a área uma das melhores amostradas do estado de Alagoas (Dubeux *et al.*, 2022). A APA de Murici também tem a maior extensão entre as áreas comparadas no estudo, 133.100 ha. Esta se agrupou com REBIO Pedra Talhada, que foi a segunda localidade mais especiosa, com sua riqueza distribuída em 4.500 ha, compartilhando 69,6% das espécies com Murici (Roberto *et al.*, 2015; Dubeux *et al.*, 2022). Esta similaridade pode ser explicada pelas características compartilhadas entre elas: são as maiores extensões de Floresta Atlântica preservada no estado, compartilham solo cristalino, possuem altitudes de mais de 600m e são posicionadas mais no interior do continente (Roberto *et al.*, 2015; Dubeux *et al.*, 2022).

Outro agrupamento em par que ocorreu, o da APA Catolé e Fernão Velho, Alagoas, com a REBIO Guaribas na Paraíba, também houve compartilhamento de características. O Catolé apresenta altitude entre 0 a 120 m e floresta ombrófila densa com enclaves de formações savânicas, sobre solos argilosos e quartzosos (Oliveira *et al.*, 2014; Gonçalves *et al.*, 2023). A REBIO Guaribas também apresenta baixo relevo (menor que 100m) e vegetação composta principalmente por arbustos e formações savânicas, bastante semelhantes ao Cerrado (Oliveira Filho; Carvalho, 1993; Mesquita *et al.*, 2018). Além de ambas estarem mais próximas ao litoral. Estas paisagens compartilharam 47 espécies entre si, onde muitas espécies têm preferência por esse tipo de habitat, tal qual o teídeo *Ameivula ocellifera*, que predomina em habitats arenosos

e é encontrado em enclaves de Cerrado na Mata Atlântica e esteve presente apenas nestas duas localidades (Mesquita; Colli, 2003).

## 7 CONCLUSÃO

A riqueza total obtida para a Fazenda Riachão (SELA) entre 2004 e 2023 foi de 43 espécies, que corresponde ao valor estimado (Jackknife 1) para a área. No projeto de 2004-2005 foram obtidas exclusivamente as seguintes espécies: anfisbenídeo: *Amphisbaena alba*, lagartos: *Coleodactylus elizae*, *Hemidactylus mabouia*, *Polychrus marmoratus*, *Psychosaura macrorhyncha*, *Tropidurus hispidus*, *Strobilurus torquatus*, e serpentes: *Chironius bicarinatus*, *Clelia plumbea*, *Corallus hortulana*, *Dipsas variegata*, *Dipsas neuwiedi*, *Oxybelis aeneus*, *Oxyrhopus petolarius*, *Oxyrhopus trigeminus* e *Xenodon merremii*. No entanto, as amostragens de 2004 e 2005 ocorreram apenas no remanescente de mata. Já para o projeto atual as espécies exclusivas foram: *Phrynops geoffroanus*, *Salvator merinae*, *Dendrophidion atlantica*, *Erythrolamprus reginae*, *Oxyrhopus guibei*, *Thamnodynastes pallidus* e *Micrurus ibiboboca*, ocorrendo em todos os ambientes da amostragem.

A riqueza estimada de répteis para a Fazenda Riachão (SELA) – Serra da Saudinha e a amostra do projeto anterior foi superior ao número de espécies do presente estudo. Algumas espécies foram ausentes, como o *C. elizae*, endêmico da Mata Atlântica de Alagoas. A assembleia foi composta por espécies comuns para a Mata Atlântica ao Norte do rio São Francisco.

Com relação aos ambientes investigados neste estudo foram encontradas diferenças importantes na composição de espécies à medida que houve o aumento da heterogeneidade estrutural. A Borda apresentou maior valor de diversidade, que pode estar relacionado com um ambiente de transição, com alta disponibilidade de habitats da mata nativa em contato com áreas abertas onde espécies de floresta fechada podem coexistir com as de distribuição mais ampla. No entanto, a Mata teve a maior ocorrência de espécies exclusivas. O ambiente de silvicultura de Eucalipto foi o mais empobrecido quanto à riqueza e abundância, comportando poucas espécies, em decorrência provavelmente da homogeneidade estrutural, maior variação de temperatura e maior incidência solar.

Estes resultados expressos pela variação da diversidade local indicam a importância da preservação da fitofisionomia original da Mata Atlântica, demonstrando que uma fração menor da composição da taxocenose é favorecida pela paisagem do ambiente de silvicultura.

Quando comparada aos outros remanescentes do CEP, a Serra da Saudinha apresentou riqueza inferior aos demais, comparável com a riqueza encontrada no Parque Estadual Dois Irmãos, entretanto, a taxocenose da Serra da Saudinha se assemelhou com a da ESEC e APA de Murici e a Rebio Pedra Talhada. Também foi evidenciado que é importante considerar a influência de características como tamanho de área, altitude e fitofisionomia na composição das taxocenoses de répteis nesses fragmentos do CEP, pois as regiões semelhantes, reuniram uma riqueza similar de répteis, contudo o efeito do esforço amostral também precisa ser considerado.

## REFERÊNCIAS

- Agarwal, I.; Ceríaco, L. M.; Metallinou, M.; Jackman, T. R.; Bauer, A. M. How the African house gecko (*Hemidactylus mabouia*) conquered the world. **Royal Society Open Science**, v. 8, n. 8, 2021.
- Albarelli, L. P. P.; Santos-Costa, M. C. Feeding ecology of *Liophis reginae semilineatus* (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae) in Eastern Amazon, Brazil. **Zoologia** (Curitiba), v. 27, p. 87-91, 2010.
- Albuquerque, P. R. A.; Morais, M. D. S. R.; Moura, P. T. S.; Santos, W. N. S.; Costa, R. M. T.; Delfim, F. R.; Pontes, B. E. S. *Phyllopezus lutzae* (Loveridge, 1941) (Squamata, Phyllodactylidae): new records from the Brazilian state of Paraíba. **Check List**, v. 15, n. 1, p. 49-53, 2019.
- Alencar, L. R.; Galdino, C. A.; Nascimento, L. B. Life history aspects of *Oxyrhopus trigeminus* (Serpentes: Dipsadidae) from two sites in southeastern Brazil. **Journal of Herpetology**, v. 46, n. 1, p. 9-13, 2012.
- Alves, A. L.; Santos, J. M. F.; Vieira, E.; Assis, J. S. Contribuição ao estudo da degradação ambiental, na Serra da Saudinha, em Alagoas, com o auxílio de imagens orbitais. In: Simpósio Regional de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto, 1., 2002, Aracaju. *Anais*. Aracaju, 2002.
- Argôlo, A. J. S. **As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia**. Ilhéus: Editus, 2004.
- Ascenso, A. C.; João, C. L. C.; Prudente, A. L. C. Taxonomic revision of the *Erythrolamprus reginae* species group, with description of a new species from Guiana Shield (Serpentes: Xenodontinae). **Zootaxa**, v. 4586, n. 1, p. 065–097, 2019.
- Ashraf, M. Y., Hussain, F., Iqbal, M. M., Maibaum, W., e Ross, M. Interactive effect of potash and organic manures on growth and nutrient uptake of sugarcane grown under saline conditions. **Biosaline Agriculture and Salinity Tolerance in Plants** (pp. 173-186), 2006.
- Avila-Pires, T. C. S. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). **Zoologische Verhandelingen**, n. 299, p. 1-706, 1995.
- Balvanera, P.; Pfisterer, A. B.; Buchmann, N.; He, J. S.; Nakashizuka, T.; Raffaelli, D.; Schmid, B. Quantifying the evidence for biodiversity effects on ecosystem functioning and services. **Ecology Letters**, v. 9, n. 10, p. 1146-1156, 2006.
- Barbo, F. E. **Biogeografia histórica e conservação das serpentes da floresta pluvial Atlântica costeira do Brasil**. 2012.
- Barbosa, L. D. N.; PA, L. P.; Castro, C. C.; Klyssia, S.; Santos, M. C.; Maschio, G. F. Reproductive and trophic ecology of *Erythrolamprus taeniogaster* (Serpentes: Dipsadidae) in the Brazilian eastern amazon. **Herpetological Conservation and Biology**, v. 17, n. 1, p. 131-144, 2022. Disponível em: <https://www.herpconbio.org>. Acesso em: 30 de ago 2024.

Barlow, J. O. S.; Overall, W. L.; Araujo, I. S.; Gardner, T. A.; Peres, C. A. The value of primary, secondary and plantation forests for fruit-feeding butterflies in the Brazilian Amazon. **Journal of Applied Ecology**, v. 44, n. 5, p. 1001-1012, 2007.

Barros, A. H. C.; Araújo Filho, J. C.; Silva, A. B.; Santiago, G. A. C. F. *Climatologia do Estado de Alagoas*. Recife: Embrapa Solos, 2012. 32 p. il. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento / Embrapa Solos, ISSN 1678-0892; 211). Dados eletrônicos. Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: <http://www.cnps.embrapa.br/publicacoes>. Acesso em: 17 out. 2024.

Barros, F. C.; Herrel, A.; Kohlsdorf, T. Head shape evolution in Gymnophthalmidae: Does habitat use constrain the evolution of cranial design in fossorial lizards? **Journal of Evolutionary Biology**, v. 24, p. 2423-2433, 2011. doi:10.1111/j.1420-9101.2011.02372.x.

Beebee, T. J. C.; Griffiths, R. A. The amphibian decline crisis: A watershed for conservation biology? **Biological Conservation**, v. 125, n. 3, p. 271–285, 2005.

Bencke, G. A.; Jardim, M. M. A.; Borges-Martins, M.; Zank, C. Composição e padrões de distribuição da fauna de tetrápodes recentes do Rio Grande do Sul, Brasil. In: Ribeiro, A. M.; Bauermann, S. G.; Scherer, C. S. (Eds.). Quaternário do Rio Grande do Sul, Integrando Conhecimentos. Porto Alegre: **Monografias da Sociedade Brasileira de Paleontologia**, SBP, p. 123-142, 2009. Acesso em: 30 de ago 2024.

Bertoluci, J.; Canelas, M. A. S.; Eisemberg, C. C.; Palmuti, C. F. S.; Montingelli, G. G. Herpetofauna of Estação Ambiental de Peti, an Atlantic Rainforest fragment of Minas Gerais State, southeastern Brazil. **Biota Neotrop.**, v. 9, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v9n1/en/abstract?inventory+bn01409012009>. Acesso em: 30 de ago 2024.

Blackburn, D. G.; Vitt, L. J. Reproduction in viviparous South American lizards of the genus *Mabuya*. Em: **Reproductive biology of South American vertebrates**. New York, NY: Springer New York, p. 150-164, 1992.

Bonfiglio, F.; Balestrin, R. L.; Cappellari, L. H. Diet of *Hemidactylus mabouia* (Sauria, Gekkonidae) in an urban area of southern Brazil. **Biociencias** (On-line), 2007.

Borges-Nojosa, D. M.; Caramaschi, U. Composição e análise comparativa da diversidade e das afinidades biogeográficas dos lagartos e anfisbenídeos (Squamata) dos brejos nordestinos. In: Leal, I. R.; Tabarelli, M.; Silva, J. M. C. (eds.). **Ecologia e conservação da Caatinga**. 2. ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, p. 181–236, 2005.

Brockhoff, E. G.; Jactel, H.; Parrotta, J. A.; Ferraz, S. F. Role of eucalypt and other planted forests in biodiversity conservation and the provision of biodiversity-related ecosystem services. **Forest Ecology and Management**, v. 301, p. 43-50, 2013.

Buckland, S.; Cole, N. C.; Aguirre-Gutiérrez, J.; Gallagher, L. E.; Henshaw, S. M.; Besnard, A.; Tucker, R.; Bachraz, V.; Ruhomaun, K.; Harris, S. Ecological effects of the invasive giant Madagascar day gecko on endemic Mauritian geckos: Applications of binomial-mixture and species distribution models. **PLoS One**, v. 9, n. 4, e88798, 2014.

- Cadle, J. E.; Savage, J. M. Systematics of the *Dendrophidion nuchale* complex (Serpentes: Colubridae) with the description of a new species from Central America. **Zootaxa**, Nova Zelândia, v. 3513, p. 1-50, 2012.
- Caldas, F. L. S.; Santana, D. O.; Faria, R. G.; Bocchiglieri, A.; Mesquita, D. O. *Diploglossus lessonae* Peracca, 1890 (Squamata: Anguidae): New records from Northeast Brazil and notes on distribution. **Check List**, v. 12, n. 5, 2016.
- Camacho, A. G.; Rodrigues, M. T. *Dryadosaura nordestina* (Squamata, Gymnophthalmidae): Geographic distribution. **Herpetological Review**, v. 38, p. 218-219, 2007.
- Campanili, M.; Schaffer, W. B. **Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 408 p., 2010.
- Campos, I.; Oliveira, C.; Araújo-Neto, J.; Cabral, A.; Gonçalves-Sousa, J. G.; Guarnieri, M.; Ribeiro, S. Autecology of *Norops fuscoauratus* (Squamata: Dactyloidae) from Atlantic Forest, northeastern Brazil. **North-Western Journal of Zoology**, v. 20, n. 1, p. 35–43, 2024.
- Carilo Filho, L. M.; de Carvalho, B. T.; Azevedo, B. K. Gutiérrez-Pesquera, L. M. Mira-Mendes, C. V.; Solé, M.; Orrico, V. G. D. Natural history predicts patterns of thermal vulnerability in amphibians from the Atlantic Rainforest of Brazil. **Ecology and Evolution**, v. 11, p. 16462-16472, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ece3.7961>. Acesso em: 30 de ago 2024
- Carnus, J. M.; Parrotta, J.; Brockerhoff, E. G.; Arbez, M.; Jactel, H.; Kremer, A.; Walters, B. **Planted forests and biodiversity**. 2003.
- Carvalho, C. S.; Martello, F.; Galetti, M.; Pinto, F.; Francisco, M. R.; Silveira, L. F.; Galetti, P. M., Jr. Environmental heterogeneity and sampling relevance areas in an Atlantic Forest endemism region. **Perspectivas em Ecologia e Conservação**, v. 19, n. 3, p. 311–318, 2021.
- Cavalcanti, L. B. Q.; Costa, G. C.; Colli, G. R.; Pianka, E. R.; Vitt, L. J.; Mesquita, D. O. Myrmecophagy in lizards: evolutionary and ecological implications. **Zoological Journal of the Linnean Society**, 2023
- Coelho-Lima, A. D.; Nunes, O. C.; Soares, G. W. N.; Santana, T. J.; Santana, E. B.; Araújo, A. M. P.; Passos, D. C. Hidden among bromeliads in the Brazilian semiarid: First records of *Phyllopezus lutzae* for the Caatinga domain and its predation by *Tropidurus hispidus*. **Cuadernos de Herpetología**, v. 36, n. 2, 2022.
- Coimbra-Filho, A. F.; Camara, I. G. **Os limites originais do bioma Mata Atlântica na região Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para Conservação da Natureza, 1996.
- Colli, G. R.; Bastos, R. P.; Araújo, A. F. B. The character and dynamics of the Cerrado herpetofauna. Em: **The Cerrados of Brazil: Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna**. New York: Columbia University, p. 223-241, 2002.
- Colli, G. R.; Zamboni, D. S. Ecology of the worm-lizard *Amphisbaena alba* in the Cerrado of Central Brazil. **Copeia**, p. 733-742, 1999.

- Cordero–Rivera, A.; Álvarez, A. M.; Álvarez, M. Eucalypt plantations reduce the diversity of macroinvertebrates in small forested streams. **Animal Biodiversity and Conservation**, v. 40, n. 1, p. 87-97, 2017.
- Corrêa, B. A. A.; Menezes, A. S. D. O.; Lima, A. R.; Sena, A. R. *Oxyrhopus guibei* (false-coral-snake): Diet and habitat use. **Herpetological Review**, v. 51, n. 2, p. 150-155, 2020.
- Costa, F. R. F.; Pezeta, Y. F.; Crozariol, M. A.; de Oliveira, T. P.; Henderson, R. W.; Gonzalez, R. A review of the diet of *Oxybelis aeneus* group (Squamata: Colubridae) including two new prey records from northeastern Brazil. **Herpetology Notes**, v. 15, p. 785-795, 2022.
- Costa, G. M.; Pereira, J. S.; Martins, M. L. L.; Aona, L. Y. S. Florística em fitofisionomias de restinga na Bahia, Nordeste do Brasil. **Revista de Biologia Neotropical/Journal of Neotropical Biology**, v. 15, n. 2, p. 78-95, 2018.
- Costa, H. C. *Strobilurus torquatus*: Geographic distribution. **Herpetological Review**, v. 42, n. 4, p. 570, 2011.
- Crump, M. L. Quantitative analysis of the ecological distribution of a tropical herpetofauna. **Museum of Natural History**, University of Kansas, v. 3, p. 1-62, 1971.
- Cruz, D. R.; Dias, I. R.; Medeiros, T. T.; Solé, M. Diet of *Enyalius catenatus* (Wied, 1821) (Leiosauridae) from RPPN Serra Bonita, an Atlantic Forest area in southern Bahia, Brazil. **Herpetology Notes**, v. 11, p. 227-232, 2018.
- Cunha, O. R.; Nascimento, F. P. Ofídios da Amazônia X - As cobras da região Leste do Pará. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 31, p. 1-218, 1978.
- Cunha, O. R.; Nascimento, F. P. Ofídios da Amazônia. As cobras da região Leste do Pará. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia**, v. 9, p. 1-191, 1993.
- Cunha, O. R.; Nascimento, F. P.; Avila-Pires, T. C. S. Os répteis da área de Carajás, Pará, Brasil (Testudines e Squamata). I. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 40, p. 9-92, 1985.
- Delfino, M. S. C.; Soeiro, M. S. *Dryadosaura nordestina* (Bribe-cabeçuda). Brasil, Bahia. **Herpetological Review**, v. 43, p. 102, 2012.
- Dias, E. J. R.; Vargem, M. M. F.; Rocha, C. D. F. *Coleodactylus meridionalis* (NCN). Diet. **Herpetological Review**, v. 34, p. 142-143, 2003.
- Dubeux, M. J. M.; Neto, J. V. D.; Triburcio, I. C. S.; Lisboa, B. S.; Torquato, S.; Freitas, M. A. D.; Freire, E. M. X.; Guarnieri, M. C.; Mott, T. A “hotspot” within a hotspot: the reptiles of the estação ecológica and área de proteção ambiental de Murici, Atlantic Forest of northeastern Brazil. **Biota Neotropica**, v. 22, p. 1–14, 2022.
- Duellman, W. E. The biology of an equatorial herpetofauna in Amazonian Ecuador. **Miscellaneous Publications**, Museum of Natural History, University of Kansas, v. 65, p. 1-352, 1978.

Eisenlohr, P. V.; Oliveira-Filho, A. T.; Prado. Special issue: **Brazilian Atlantic Forests. Biodiversity and Conservation**, v. 24, n. 9, p. 2129–2331, 2015.

Figueiredo, M. D. S. L.; Weber, M. M.; Brasileiro, C. A.; Cerqueira, R.; Grelle, C. E.; Jenkins, C. N.; Lorini, M. L. Tetrapod diversity in the Atlantic Forest: maps and gaps. Em: **The Atlantic Forest: history, biodiversity, threats and opportunities of the mega-diverse forest**. p. 185-204, 2021.

Filho, G. A. P. et al. Composition, species richness, and conservation of the reptiles of the highly threatened Northern Brazilian Atlantic Forest. In: PEREIRA FILHO, G. A.; FRANÇA, F. G. R.; ALVES, R. R. N.; VASCONCELLOS, A. (eds). **Animal biodiversity and conservation in Brazil's Northern Atlantic Forest**. Cham: Springer, 2023. p.169–183 . DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-031-21287-1\\_11](https://doi.org/10.1007/978-3-031-21287-1_11). Acesso em: 30 de ago 2024

Filho, G.; Freitas, M.; Luiz, W.; Moura, G.; Guedes, T.; França, F. G. The snake fauna of the most threatened region of the Atlantic Forest: natural history, distribution, species richness and a complement to the Atlas of Brazilian Snakes. *Ethnobiology and Conservation*, 2021 p. 1-48. DOI: <https://doi.org/10.15451/ec2021-11-10.38-1-48>. Acesso em: 30 de ago 2024

França, F. G. R.; de Lima, R. A. First record of predation on the bat *Carollia perspicillata* by the false coral snake *Oxyrhopus petolarius* in the Atlantic Rainforest. **Biotemas**, v. 25, n. 4, p. 307-309, 2012.

França, F. G. R.; Vasconcelos, A.; Alves, R. R. N.; Pereira-Filho, G. A. **Composition, species richness, and conservation of the reptiles of the highly threatened northern Brazilian Atlantic Forest**. 2023.

Freire, E. M. X. Diferenciação geográfica em *Gymnodactylus darwini* (Gray, 1845) (Sauria, Gekkonidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, v. 40, p. 311–322, 1998.

Freire, E. M. X. Estudo ecológico e zoogeográfico sobre a fauna de lagartos (Sauria) das dunas de Natal, Rio Grande do Norte e da restinga de Ponta de Campina, Cabedelo, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 13, n. 4, p. 903–921, 1996.

Freire, E. M. X.; Caramaschi, U.; Gonçalves, U. A new species of *Dendrophidion* (Serpentes: Colubridae) from the Atlantic Rain Forest of northeastern Brazil. **Zootaxa**, Nova Zelândia, v. 2719, p. 62–68, 2010.

Freitas, M. A. **Répteis do Nordeste Brasileiro**. 1. ed. Pelotas, RS: USEB, 2011.

Fundação SOS Mata Atlântica; INPE. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica**: período 2019/2020, relatório técnico. p. 73, 2021.

Gaiarsa, M. P.; Laura, R. V. A.; Martins, M. Natural history of *Pseudoboine* snakes. **Papéis Avulsos de Zoologia**, São Paulo, v. 53, n. 19, p. 261-283, 2013.

Gainsbury, A. M., & Colli, G. R. Phylogenetic community structure as an ecological indicator of anthropogenic disturbance for endemic lizards in a biodiversity hotspot. **Ecological Indicators**, 103, 766-773, 2019.

- Gainsbury, A. M.; Colli, G. R. Effects of abandoned Eucalyptus plantations on lizard communities in the Brazilian Cerrado. **Biodiversity and Conservation**, v. 23, n. 13, p. 3155–3170, 2014.
- Gans, C. The feeding mechanism of snakes and its possible evolution. **Integrative and Comparative Biology**, v. 1, p. 217–227, 1961.
- Garda, A. A. *et al.* Reproduction, body size, and diet of *Polychrus acutirostris* (Squamata: Polychrotidae) in two contrasting environments in Brazil. **Journal of Herpetology**, v. 46, p. 2-8, 2012. Acesso em: 30 de ago 2024
- Garda, A. A.; Medeiros, P. H. S.; Lion, M. B.; Brito, M. R. M.; Vieira, G. H. C.; Mesquita, D. O. Autoecology of *Dryadosaura nordestina* (Squamata: Gymnophthalmidae) from Atlantic Forest fragments in northeastern Brazil. **Zoologia**, v. 31, n. 5, p. 418–425, 2014.
- Gonçalves, U.; Torquato, S.; Mott, T. A refuge between houses and buildings: reptiles in a peri-urban Atlantic Forest fragment in northeastern Brazil. **Caldasia**, v. 45, n. 1, p. 21-35, 2023.
- Gonçalves, U.; Torquato, S.; Skuk, G.; Araújo-Sena, G. A new species of *Coleodactylus* Parker, 1926 (Squamata: Sphaerodactylidae) from the Atlantic Forest of northeast Brazil. **Zootaxa**, v. 3204, p. 20–30, 2012.
- Gonzalez, R.C.; Bezerra de Lima, L.C.; Passos, P.; Silva, M.J.J. The good, the bad and the boa: An unexpected new species of a true boa revealed by morphological and molecular evidence. **PLoS ONE** 19(4): e0298159, 2024.
- Gray, M. J., Ossiboff, R. J., Berger, L., Bletz, M. C., Carter, E., DeMarchi, J. A....Wilber, M. Q. One Health Approach to Globalizing, Accelerating, and Focusing Amphibian and Reptile Disease Research—Reflections and Opinions from the First Global Amphibian and Reptile Disease Conference. **Emerging Infectious Diseases**, 29(10), 1-7, 2023. <https://doi.org/10.3201/eid2910.221899>.
- Hampton, P. M. Comparison of cranial form and function in association with diet in natricine snakes. **Journal of Morphology**, v. 272, p. 1435–1443, 2011.
- Harrington, S. M.; Jordyn, M. de H.; Shapiro, L.; Ruane, S. Habits and characteristics of arboreal snakes worldwide: arboreality constrains body size but does not affect lineage diversification. **Biological Journal of the Linnean Society**, v. 125, n. 1, p. 61–71, 2018.
- Harvey, M. B.; Embert, D. Review of Bolivian *Dipsas* (Serpentes: Colubridae), with comments on other South American species. **Herpetological Monographs**, v. 22, n. 1, p. 54-105, 2008.
- Hoogmoed, M. S. Notes on the herpetofauna of Surinam. IV. The lizards and amphisbaenians of Suriname. **Biogeographical**, v. 4, p. 1-419, 1973.
- Hoskin, C. J. The invasion and potential impact of the Asian house gecko (*Hemidactylus frenatus*) in Australia. **Austral Ecology**, v. 36, p. 240–251, 2011.

IBGE. A geografia da cana-de-açúcar: dinâmica territorial da produção agropecuária. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017. Disponível em: [www.ibge.gov.br/apps/dinamica\\_agropecuaria/](http://www.ibge.gov.br/apps/dinamica_agropecuaria/). Acesso em: [23/04/2023].

Jactel, H.; Brockerhoff, E. G. Tree diversity reduces herbivory by forest insects. *Ecology Letters*, v. 10, n. 9, p. 835-848, 2007.

Jaleta, D.; Mbilinyi, B.; Mahoo, H.; Lemenih, M. Eucalyptus expansion as relieving and provocative tree in Ethiopia. **Journal of Agriculture and Ecology Research International**, v. 6, n. 3, p. 1-12, 2016.

Kawashita-Ribeiro, R. A.; Ávila, R. W. Reptilia, Squamata, *Polychrus* spp. New record, range extensions, and distribution map in the state of Mato Grosso, Brazil. **Check List**, v. 4, p. 362-365, 2008.

Lemessa, D.; Mewded, B.; Legesse, A.; Atinfau, H.; Alemu, S.; Maryo, M.; Tilahun, H. Do eucalyptus plantation forests support biodiversity conservation? **Forest Ecology and Management**, v. 523, p. 120492, 2022.

Lemessa, F.; Wakjira, M. Cover crops as a means of ecological weed management in agroecosystems. **Journal of Crop Science and Biotechnology**, v. 18, p. 123-135, 2015.

Lima, J. H. A.; Dias, E. G.; Costa, R. L.; Silva, F. J.; Lima, E. S. M.; Santos, E. M.; Kokubum, M. N. C. Lizards and snakes of Refúgio de Vida Silvestre Matas do Siriji, an Atlantic Forest hot-spot of the Pernambuco Endemism Center, northeastern Brazil. **Biota Neotrop.**, v. 21, n. 2, e20201106, 2021. Acesso em: 30 de ago 2024

Lisboa, C. M. C. A. **Estrutura da população de *Coleodactylus natalensis* Freire, 1999 (Squamata: Sphaerodactylidae) no Parque Estadual Dunas de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas), 2008.

Losos, J. B. Lizards in an evolutionary tree: ecology and adaptive radiation of anoles. Berkeley: University of California Press, 2009.

Lotzkat, S.; Natera-Mumaw, M. A. R. C. O.; Hertz, A.; Sunyer, J.; Mora, D. New state records of *Dipsas variegata* (Duméril, Bibron and Duméril 1854) (Serpentes: Colubridae) from northern Venezuela, with comments on natural history. **Herpetotropicos**, v. 4, p. 25-29, 2008.

Louzada, J. N.; Schoereder, J.; De Marco Jr, P. L. Litter decomposition in semideciduous forest and eucalyptus spp. crop in Brazil: a comparison. **Forest Ecology and Management**, v. 94, n. 1-3, p. 31-36, 1997.

Majer, J. D.; Recher, H. F. Are eucalypts Brazil's friend or foe? An entomological viewpoint. **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, v. 28, p. 185-200, 1999.

MAPBIOMAS. 57% dos municípios da Mata Atlântica têm menos de 30% de vegetação natural. 2022. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2022/10/19/57-dos-municipios-da-mata-atlantica-tem-menos-de-30-de-vegetacao-natural/#:~:text=Esse%20tipo%20de%20cobertura%2C%20que,de%2030%25%20da%20vegeta%C3%A7%C3%A3o%20nativa>. Acesso em: 17 out. 2024

Marques, M. C. M.; Grelle, C. E. V. **The Atlantic Forest: history, biodiversity, threats and opportunities of the mega-diverse forest**. Springer, 2021.

Marques, O. A. V.; Eterovic, A.; Strüssmann, C.; Sazima, I. **Serpentes do Pantanal: guia ilustrado**. 2005.

Martins, F. I.; de Souza, F. L.; da Costa, H. T. M. Feeding habits of *Phrynops geoffroanus* (Chelidae) in an urban river in Central Brazil. **Chelonian Conservation and Biology**, v. 9, n. 2, p. 294-297, 2010.

Martins, M. The lizards of Balbina, Central Amazonia, Brazil: a qualitative analysis of resource utilization. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, v. 26, n. 3, p. 179-190, 1991.

Meede, U. Herpetologische studien über echsen (Sauria) in einem begrenzten gebiet des tropischen regenwaldes in Peru: morphologische kriterien, autokologie und zoogeographie. Artenliste der reptilien im untersuchungsgebiet. Doctoral Dissertation, Universität Hamburg, 1984. p. 1-189.

Melo, A. S. O que ganhamos ‘confundindo’ riqueza de espécies e equabilidade em um índice de diversidade? *Biota Neotropica*, vol. 8, no. 3, Jul./Set. 2008. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v8n3/en/abstract?point-of-view+bn00108032008>. Acesso em: 30 de ago 2024

Mesquita, D. O.; Alves, B. C. F.; Pedro, C. K. B.; Laranjeiras, D. O.; Caldas, F. L. S.; Pedrosa, I. M. M. C.; Rodrigues, J. B.; Drummond, L.; Cavalcanti, L. B. Q.; Wachlevski, M.; Nogueira-Costa, P.; França, R. C.; França, F. G. R. Herpetofauna in two habitat types (tabuleiros and stational semideciduous forest) in the Reserva Biológica Guaribas, northeastern Brazil. **Herpetology Notes**, v. 11, p. 455–474, 2018.

Miralles, A.; Marin, J.; Markus, D.; Herrel, A.; Hedges, S. B.; Vidal, N. Molecular evidence for the paraphyly of Scolecophidia and its evolutionary implications. **Journal of Evolutionary Biology**, v. 31, p. 1782–1793, 2018.

Moura, F. B. P. **A Mata Atlântica em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2006. il. - (Conversando Sobre Ciências em Alagoas).

Murphy, J. C.; Lehtinen, R. M.; Charles, S. P.; Wasserman, D.; Anton, T.; Brennan, P. J. Cryptic multicolored lizards in the *Polychrus marmoratus* group (Squamata: Sauria: Polychrotidae) and the status of *Leiolepis auduboni* Hallowell. 2017.

Nascimento, V.; Santos, S. E. M. Geographic distribution: *Dendrophidion atlantica*. **Herpetological Review**, v. 47, p. 261, 2016.

Nicholson, K. E.; Crother, B. I.; Guyer, C.; Savage, J. M. It is time for a new classification of anoles (Squamata: Dactyloidae). **Zootaxa**, 2012.

Nogueira, C.C.; Argôlo, A.J.S.; Arzamendia, V.; Azevedo, J. A.; Barbo, F.; E., Bérnils, R.S.; Bolochio, B.E.; Borges-Martins, M.; Brasil-Godinho, M.; Braz, H.; Buononato, M.A.; Cisneros-Heredia, D.F.; Colli, G.R.; Costa, H.C.; Franco, F.L.; Giraudo, A.; Gonzalez, R.C.; Guedes, T.; Hoogmoed, M.S.; Marques, O.A.V.; Montingelli, G.G.; Passos, P.; Prudente,

A.L.C.; Rivas, G.A.; Sanchez, P.M.; Serrano, F.C.; Silva, N.J.; Strüssmann, C.; Vieira-Alencar, J.P.S.; Zaher, H.; Sawaya, R.J.; Martins, M. Atlas of Brazilian Snakes: Verified Point-Locality Maps to Mitigate the Wallacean Shortfall in a Megadiverse Snake Fauna. **South American Journal of Herpetology**, 14(sp1), 1-274, Dezembro, 2019.

Nogueira, C.; Colli, G. R.; Costa, G. C.; Machado, R. B. Diversidade de répteis Squamata e evolução do conhecimento faunístico no Cerrado. Em: **Cerrado: conhecimento científico quantitativo como subsídio para ações de conservação**. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 333-375.

Oliveira Filho, A. T.; Carvalho, D. A. Florística e fisionomia da vegetação no extremo norte do litoral da Paraíba. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 16, p. 115–130, 1993.

Oliveira, A. N. S.; Amorim, C. M. F.; Lemos, R. P. L. As riquezas das áreas protegidas no território alagoano. Maceió: **Instituto do Meio Ambiente do Estado de Alagoas, Mineração Vale Verde**, 2014.

Oliveira, B. H. S.; de Queiroz, R. N. M.; Mesquita, D. O. Communal nests and hatchling size of *Coleodactylus meridionalis* (Squamata: Sphaerodactylidae) in a Caatinga area, northeastern Brazil. **Herpetology Notes**, v. 8, p. 125-128, 2015.

Oliveira, J. C. F.; Santos, R.; Lopes-Silva, M. L.; Barros, L. P. V.; Risse-Quaioto, B.; Militão, C. M.; Fatorelli, P.; Belmoch, F. A. L.; Castro, T. M.; Rocha, C. F. D. Reptiles of the Serra das Torres Natural Monument: using the Rapid Assessment method to fill a knowledge gap in the Atlantic Forest of southeastern Brazil. **Biota Neotropica**, v. 20, n. 2, p. e20190726, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1676-0611-BN-2019-0726>. Acesso em: 30 de ago 2024

Oliveira, M. A.; Grillo, S. A.; Tabarelli, M. Forest edge in the Brazilian Atlantic Forest: drastic changes in tree species assemblages. *Oryx*, v. 38, n. 4, p. 389-394, 2004. doi: 10.1017/S0030605304000754.

Passos, D. C., Zanchi, D. & Borges-Nojosa, D. M. *Diploglossus lessonae* (Brazilian galliwasp) diet. **Herpetological Review**, 42: 94, 2011.

Passos, D. C.; Glauss, L. H. A.; Galdino, C. A. B. Predation of the hylid frog *Bokermannohyla alvarengai* (Bokermann, 1956) by the colubrid snake *Chironius flavolineatus* (Jan, 1863) in a montane rocky grassland. **Revista Brasileira de Zoociências**, 18, 2017.

Pearson, O. P., & Bradford, D. F. Thermoregulation of lizards and toads at high altitudes in Peru. **Copeia**, 155-170, 1976.

Pedrosa, I. M. M. C., Costa, T. B., Faria, R. G., França, F. G. R., Laranjeiras, D. O., Oliveira, T. C. S. P., Palmeira, C. N. S., Torquato, S., Mott, T. & Vieira, G. H. C. Herpetofauna of protected areas in the Caatinga III: the Catimbau National Park, Pernambuco, Brazil. *Biota*.

Pellegrino, K. C., Rodrigues, M. T., Waite, A. N., Morando, M., Yassuda, Y. Y., Sites Jr, J. W. Phylogeography and species limits in the *Gymnodactylus darwini* complex (Gekkonidae, Squamata): genetic structure coincides with river systems in the Brazilian Atlantic Forest. **Biological Journal of the Linnean Society**, 85(1), 13-26, 2005.

- Pereira Filho, G. A.; França, F. G. R.; Alves, R. R. N.; Vasconcellos, A. (eds.). Composition, species richness, and conservation of the reptiles of the highly threatened Northern Brazilian Atlantic Forest. In: Pereira Filho, G. A.; França, F. G. R.; Alves, R. R. N.; Vasconcellos, A. (eds.). **Animal biodiversity and conservation in Brazil's northern Atlantic Forest**. Cham: Springer, 2023. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-031-21287-1\\_11](https://doi.org/10.1007/978-3-031-21287-1_11). Acesso em: 17 out. 2024.
- Pereira-Filho, G. A.; Vieira, W. L. S.; Alves, R. R. N. e França, F. G. R. Serpentes da Paraíba: diversidade e conservação. 1 ed. João Pessoa, 2017.
- Petzold, H. G. Aufgaben und Probleme der Tiergärtnerei bei der Erforschung der Lebensäusserungen der niederen Amnioten (Reptilien). Milu, Berlin, pp. 485-786, 1982.
- Pianka, E. R. **Evolutionary ecology**, 5th ed. HarperCollins Publishers, New York, USA, 1994.
- Pianka, E. R. The structure of lizard communities. **Annual Review of Ecology and Systematics**, 4, 53–74, 1973.
- Piña, C. I., Lance, V. A., Ferronato, B. O., Guardia, I., Marques, T. S., & Verdade, L. M. Heavy metal contamination in *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812) (Testudines: Chelidae) in a river basin, São Paulo, Brazil. **Bulletin of Environmental Contamination and Toxicology**, 83, 771-775, 2009.
- Pincheira-Donoso, D., Bauer, A. M., Meiri, S., & Uetz, P. Global taxonomic diversity of living reptiles. **PloS One**, 8(3), 2013.
- Pinto, L. P.; Bede, L. C. Mata Atlântica brasileira: os desafios para a conservação da biodiversidade de um hotspot mundial. **Essências em Biologia e Conservação**, v. January, n. 4, p. 1–24, 2006.
- Pinto, R. R.; Fernandes, R. & Marques, O. A. V. Morphology and diet of two sympatric colubrid snakes, *Chironius flavolineatus* and *Chironius quadricarinatus* (Serpentes: Colubridae). **Amphibia-Reptilia**, 29: 149-160, 2008.
- Pinto, S. R., Mendes, G., Santos, A. M., Dantas, M., Tabarelli, M.; Melo, F. P. Landscape attributes drive complex spatial microclimate configuration of Brazilian Atlantic Forest fragments. **Tropical Conservation Science**, 3(4), 389-402, 2010.
- Pires, A. P.; Shimamoto, C. Y.; Padgurschi, M. C.; Scarano, F. R.; Marques, M. C. Atlantic Forest: ecosystem services linking people and biodiversity. **The Atlantic Forest: History, Biodiversity, Threats and Opportunities of the Mega-diverse Forest**, 347-367, 2021.
- Porto, T. J., Carnaval, A. C., Rocha, P. L. B. Evaluating forest refugial models using species distribution models, model filling and inclusion: a case study with 14 Brazilian species. **Diversity and Distributions**, 19: 330–340, 2013.
- Pough, F. J., Janis, C. M., Heiser, J. B. **A vida dos vertebrados**. 4. ed., Atheneu, São Paulo, 2008.

Pough, F.; Andrews, R.; Cadle, J.; Crump, M.; e Savitsky, A. Notes on the ecology of the colubrid snake *Leptodeira annulata* in the Pantanal, Brazil. **Herpetological Review**, 38(3), 278-280, 2007.

Prance, G. T. A review of the phytogeographic evidences for Pleistocene climate changes in the Neotropics. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, 69: 594–624, 1982.

Queiroz, R. N. M. L. S.; Alves, B. H. S.; Oliveira, H.; Neves. Análise da herpetofauna do Complexo Aluizio Campos. **Revista Brasileira de Informações Científicas**, v. 1, n. 1, p. 22–28, 2010.

Ranta, P.; Blom, T. O. M.; Niemela, J. A. R. I.; Joensuu, E.; Siitonen, M. A fragmentação da mata atlântica do Brasil: tamanho, forma e distribuição dos fragmentos florestais.

**Biodiversity and Conservation**, v. 7, p. 385-403, 1998.

Rhodin, T. T. W. G. et al. Turtles of the world: annotated checklist and atlas of taxonomy, synonymy, distribution, and conservation status (9th ed.). In: Rhodin, A. G. J. et al. (Eds.). **Chelonian Research Monographs**, v. 8, p. 1–472, 2021.

doi:10.3854/crm.8.checklist.atlas.v9.2021.

Ribeiro, L. B.; Freire, E. M. X. Lagartos como bioindicadores: testando metodologia de avaliação da qualidade ambiental de caatingas e áreas florestadas. Múltiplos olhares sobre o semiárido brasileiro: perspectivas interdisciplinares, n. March, p. 145–186, 2011.

Ribeiro, L. B.; Gogliath, M.; Rodrigues, R. G.; Barreto, R. M. F.; Freire, E. M. X. Two new records of *Coleodactylus meridionalis* (Boulenger, 1888) (Squamata, Sphaerodactylidae) in north-eastern Brazil, including a map and comments regarding its geographical distribution. **Herpetology Notes**, v. 6, p. 23-27, 2013.

Ricklefs, R. E.; Miller, G. L. **Ecology**. 4. ed. New York: W.H. Freeman Publishers, 1999.

Roberto, I. J.; Ávila, R. W.; Melgarejo, A. R. Répteis (Testudines, Squamata, Crocodylia) da Reserva Biológica de Pedra Talhada. In: Studer, A.; Nusbaumer, L.; Spichiger, R. (Eds.). Biodiversidade da Reserva Biológica de Pedra Talhada (Alagoas, Pernambuco - Brasil). **Boissiera**, v. 68, p. 357-375, 2015. Acesso em: 30 de ago 2024.

Rocha, C. F. D. A ecologia de lagartos no Brasil: status e perspectivas. In: Nascimento, L. B.; Bernardes, A. T.; Cotta, G. A. (Eds.). Herpetologia no Brasil, p. 35-57. Belo Horizonte: PUCMG, Fundação Biodiversitas, Fundação Ezequiel Dias, 1994.

Rocha, C. F. D.; Vrcibradic, D. Reproductive traits of two sympatric viviparous skinks (*Mabuya macrorhyncha* and *Mabuya agilis*) in a Brazilian restinga habitat. **The Herpetological Journal**, v. 9, n. 2, p. 43-53, 1999.

Rodrigues, M. M.; do Couto, H. T. Z.; Righi, C. A.; Toledo, C. A. P. Evaluation of the influence of the matrix in biodiversity conservation: effects on semideciduous tropical forests in southeastern Brazil. **Revista do Instituto Florestal**, 34(1), 31-54, 2022.

Rodrigues, M. T. Sistemática, ecologia e zoogeografia dos *Tropidurus* do grupo *Torquatus* ao sul do Rio Amazonas (Sauria, Iguanidae). **Arquivos de Zoologia**, v. 31, n. 3, p. 105-230, 1987.

Rodrigues, M. T. The conservation of Brazilian reptiles: challenges for a megadiverse country. **Conservation Biology**, v. 19, n. 3, p. 659-664, 2005. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.2005.00690.x>. Acesso em: 30 de ago 2024

Rodrigues, M. T.; Freire, E. M. X.; Pellegrino, K. C. M.; Sites Jr, J. W. Relações filogenéticas de um novo gênero e espécie de lagarto microteídeo da mata atlântica do nordeste do Brasil (Squamata, Gymnophthalmidae). **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 144, n. 4, p. 543-557, 2005.

Rodrigues, M. T.; Freire, E. M. X.; Pellegrino, K. C. M.; Sites Jr, J. W. Phylogenetic relationships of a new genus and species of microteiid lizard from the Atlantic forest of north-eastern Brazil (Squamata, Gymnophthalmidae). **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 144, n. 4, p. 543-557, 2005.

Rodrigues, M. T.; Juncá, F. A. Herpetofauna of the quaternary sand dunes of the middle Rio São Francisco: Bahia: Brazil. VII.: *Typhlops amoipira* sp. nov., a possible relative of *Typhlops yonenagae* (Serpentes, Typhlopidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 42, p. 325-333, 1996.

Rodrigues, M. T.; Yonenaga-Yassuda, Y.; Kasahara, S. Notes on the ecology and karyotypic description of *Strobilurus torquatus* (Sauria, Iguanidae). **Revista Brasileira de Genética**, v. 12, n. 4, p. 747-759, 1989.

Rodrigues, M.T.; Bertolotto, C.E.V.; Amaro, R.C.; Yonenaga-Yassuda, Y.; Freire, E.M.X.; Pellegrino, K.C.M. Molecular phylogeny, species limits, and biogeography of the Brazilian endemic lizard genus *Enyalius* (Squamata: Leiosauridae): an example of the historical relationship between Atlantic Forests and Amazonia. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 81, p. 137–146, 2014. Acesso em: 30 de ago 2024

Salles, R. O. L.; Silveira, A. L. Primeiro registro de *Strobilurus torquatus* Wiegmann, 1834 (Reptilia, Squamata, Tropicuridae) no estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Evolução e Conservação da Biodiversidade**, v. 1, n. 1, p. 13, 2010.

Samnegård, U.; Hambäck, P. A.; Lemessa, D.; Nemomissa, S.; Hylander, K. A heterogeneous landscape does not guarantee high crop pollination. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 283, n. 1838, p. 20161472, 2016.

Santana, G. G.; Vieira, W. L.; Pereira-Filho, G. A.; Delfim, F. R.; Lima, Y. C.; Vieira, K. S. Herpetofauna em um fragmento de Floresta Atlântica no estado da Paraíba, Região Nordeste do Brasil. **Biotemas**, v. 21, n. 1, p. 75-84, 2008.

Santana, G. G.; vieira, W. L.; pereira-filho, G. A.; delfim, F. R.; lima, Y. C.; vieira, K. S. Herpetofauna em um fragmento de Floresta Atlântica no estado da Paraíba, Região Nordeste do Brasil. **Biotemas**, v. 21, n. 1, p. 75-84, 2008. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7925.2008v21n1p75>. Acesso em: 30 de ago 2024

Santos, M. M. dos; Silva, F. M.; Hingst-Zaher, E.; Machado, F. A.; Zaher, H. E. D.; Prudente, A. L. da C. Cranial adaptations for feeding on snails in species of *Sibynomorphus* (Dipsadidae: Dipsadinae). **Zoology**, v. 120, p. 24–30, 2017.

Savage, J. M. The amphibians and reptiles of Costa Rica: a herpetofauna between two continents, between two seas. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

Scanlon, J. D.; Shine, R. Dentition and diet in snakes: adaptations to oophagy in the Australian elapid genus *Simoselaps*. **Journal of Zoology**, v. 216, p. 519–528, 1988.

Silva, J. M. C.; Tabarelli, M. Tree species impoverishment and the future flora of the Atlantic forest of northeast Brazil. **Nature**, p. 72-74, 2000.

Silva, N. J. **As cobras-corais do Brasil**: biologia, taxonomia, venenos e envenenamentos. Goiás: PUC, 2016. 416 p.

Silva, S.T.; Silva, U. G.; Sena, G. A. B.; Nascimento, F. A. C. A diversidade da Mata Atlântica alagoana: anfíbios e répteis. In: Moura, F. B. P. (Ed.). **A Mata Atlântica em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2006. p. 65–76.

Simpson, E. H. Measurement of diversity. **Nature**, v. 163, p. 688, 1949.

Souza, F. L.; Abe, A. S. Feeding ecology, density and biomass of the freshwater turtle, *Phrynops geoffroanus*, inhabiting a polluted urban river in south-eastern Brazil. **Journal of Zoology**, v. 252, n. 4, p. 437-446, 2000.

Strussmann, C.; Sazima, I. The snake assemblage of the Pantanal at Poconé, western Brazil: faunal composition and ecological summary. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, v. 28, n. 3, p. 157-168, 1993.

Tabarelli, M.; Aguiar, A. V.; Ribeiro, M. C.; Metzger, J. P.; Peres, C. A. Prospects for biodiversity conservation in the Atlantic Forest: lessons from aging human-modified landscapes. **Biological Conservation**, v. 143, n. 10, p. 2328–2340, 2010.

Tabarelli, M.; Roda, S. A. An opportunity for the Pernambuco Endemism Center. **Natureza & Conservação**, v. 3, n. 2, p. 128–134, 2005.

Uchôa, L.R.; Delfim, F.R.; Mesquita, D.O.; Colli, G.R.; Garda, A.A.; Guedes, T.B. Lizards (Reptilia: Squamata) from the Caatinga, north-eastern Brazil: Detailed and updated overview. **Vertebrate Zoology** 72 599–659, 2022. <https://doi.org/10.3897/vz.72.e78828>.

Uetz, P., Freed, P, Aguilar, R., Reyes, F., Kudera, J. & Hošek, J. The Reptile Database, 2024. <http://www.reptile-database.org>; Acesso em 30 de Setembro de 2024.

Vanzolini, P. E. *Coleodactylus septentrionalis*, sp. n., with notes on the distribution of the genus (Sauria, Gekkonidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 34, p. 1–9, 1980.

Vanzolini, P. E. Guiano-Brazilian *Polychrus*: distribution and speciation (Sauria: Iguanidae). In: **Advances in Herpetology and Evolutionary Biology**. Museum of Comparative Zoology, Cambridge, Massachusetts, p. 118-131, 1983.

Vanzolini, P. E. Miscellaneous notes on the ecology of some Brazilian lizards (Sauria). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 26, p. 83–115, 1972.

Vanzolini, P. E. O gênero *Coleodactylus* (Sauria, Gekkonidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 13, p. 1-17, 1957. Acesso em: 30 de ago 2024.

Vanzolini, P. E. On South American *Hemidactylus* (Sauria, Gekkonidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 31, n. 20, p. 307–343, 1978.

Vanzolini, P. E. Sobre a diferenciação geográfica de *Gymnodactylus geckoides* (Sauria, Gekkonidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 12, p. 225–262, 1953.

Vanzolini, P. E. Sobre *Diploglossus lessonae*, com notas biométricas e sobre a evolução ontogenética do padrão de colorido (Sauria, Anguidae). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 13, n. 1, p. 179–221, 1958.

Vanzolini, P. E.; Ramos-Costa, A. M. M.; Vitt, L. J. Répteis das caatingas. In: **Repteis das Caatingas**. 1980.

Vitt, L. J. Ecological observations on the tropical colubrid snake *Leptodeira annulata*. *Herpetological Natural History*, v. 4, p. 69–76, 1996.

Vitt, L. J. Mimicry of millipedes and centipedes by elongate terrestrial vertebrates. **Research and Exploration**, v. 8, p. 76–95, 1992.

Vitt, L. J. On the biology of the little known anguid lizard, *Diploglossus lessonae*. **Papéis Avulsos de Zoologia** (São Paulo), v. 36, p. 69–76, 1985.

Vitt, L. J. The ecology of tropical lizards in the Caatinga of northeast Brazil. *Ocasional Paper Oklahoma Museum of Natural History*, v. 1, p. 1–29, 1995.

Vitt, L. J.; Avila-Pires, T. C. S.; Esposito, M. C.; Sartorius, S. S.; Zani, P. A. Sharing Amazonian rain-forest trees: Ecology of *Anolis punctatus* and *Anolis transversalis* (Squamata: Polychrotidae). *Journal of Herpetology*, v. 37, n. 2, p. 276–285, 2003.

Vitt, L. J.; Blackburn, D. G. Ecology and life history of the viviparous lizard *Mabuya bistrriata* (Scincidae) in the Brazilian Amazon. **Copeia**, p. 916-927, 1991.

Vitt, L. J.; Vangilder, L. D. Ecology of a snake community in northeastern Brazil. **Amphibia-Reptilia**, v. 4, n. 2, p. 273-296, 1983.

Wilson, M.C., Chen, X.Y., Corlett, R.T.; *et al.*. Habitat fragmentation and biodiversity conservation: key findings and future challenges. **Landscape Ecology** 31, 219–227, 2016. <https://doi.org/10.1007/s10980-015-0312-3>

**ANEXO** - Fotografias de algumas das espécies da fazenda Riachão (SELA), Maceió, Alagoas.

**Figura 6** - Répteis da Fazenda Riachão, Maceió, AL. *Oxyrhopus guibei* (A) *Siphlophis compressus* (B), *Adelphostigma occipitalis* (C), *Thammodynastes pallidus* (D), *Tantilla melanocephala* (E), *Phrynops geoffroanus* (F).



Fotos: Michelly Cordeiro.

**Figura 7-** Serpentes da Fazenda Riachão, Maceió, AL. *Amerotyphlops brongersmianus* (A), *Dendrophidion atlântica* (B), *Chironius flavolineatus* (C), *Boa constrictor* (D), *Erythrolamprus reginae* (E), *Erythrolamprus taeniogaster* (F), *Leptodeira annulata* (G) e *Micrurus ibiboboca* (H).



Fotos: Michelly Cordeiro.

**Figura 8** - Lagartos da Fazenda Riachão, Maceió, AL. *Coleodactylus meridionalis* (A), *Dactyloa punctata* (B), *Copeoglossum nigropunctatum* (C), *Kentropyx calcarata* (D), *Gymnodactylus darwinii* (E), *Norops fuscoauratus* (F), *Enyalius* aff. *catenatus* (G), *Norops ortonii* (H), *Dryadosaura nordestina* (I) e *Phyllopezus lutzae* (J).



Fotos: Michelly Cordeiro.